



Universidade de Brasília
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-Graduação em Literatura

Barbara Rezende Luso

**INTERSECCIONALIDADE EM TORTO ARADO:
TRABALHO E RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA**

Brasília,
2025

Barbara Rezende Luso

**INTERSECCIONALIDADE EM TORTO ARADO:
TRABALHO E RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Thomaz

Brasília,
2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R467i Rezende Luso, Barbara
Interseccionalidade em Torto Arado: Trabalho e
Resistência da Mulher Negra / Barbara Rezende Luso;
orientador Paulo Cesar Thomaz. Brasília, 2025.
96 p.

Dissertação(Mestrado em Literatura) Universidade de
Brasília, 2025.

1. Torto Arado. 2. Interseccionalidade. 3. Personagem
feminina negra. 4. Trabalho. 5. Resistência. I. Cesar
Thomaz, Paulo, orient. II. Título.

INTERSECCIONALIDADE EM TORTO ARADO: TRABALHO E RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo César Thomaz
(Universidade de Brasília – UnB)
Orientador

Prof. Dr. Paulo Petronilio Correia
(Universidade de Brasília - UnB)
Membro Interno

Prof. Dra. Marianna Scaramucci
(Universidade de Milão - UniMit)
Membro Externo

Prof. Dr. Pedro Mandagará Ribeiro
(Universidade de Brasília - UnB)
Membro Interno

Dedico esse trabalho a todos os que me acompanharam ao longo desta jornada.

AGRADECIMENTOS

*“Eu quero dizer, olhando para o meu reflexo na tela desligada do telefone
Que no caminho para casa hoje, eu fiz um bom trabalho
Não foi fácil, mas também não foi tão ruim”
Cheers to Youth - Seventeen*

Primeiramente, a Deus por ter me guiado nesse caminho e ter me dado forças para continuar quando eu queria desistir de tudo. No final, deu tudo certo e eu consegui chegar até aqui.

Aos meus pais, Nilza e Augusto, por me apoiarem em todas as minhas decisões, mesmo que pareçam malucas. Mãe e pai, só cheguei aqui porque vocês estiveram ao meu lado esse tempo todo e nem todo dinheiro do mundo é suficiente para recompensar o que vocês fizeram por mim. Amo vocês.

Ao meu *brother*, Thiago, por toda parceria desde sempre. Não poderia ter pedido por um irmão melhor. A minha avó, Irene, por todas as palavras de apoio. Também a toda minha família, inclusive os que já se foram, por estarem sempre ao meu lado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo C. Thomaz, por toda paciência e ensinamentos durante esses dois anos. Obrigada por me guiar durante todo esse trabalho.

Aos meus amigos, que foram minha *lifeline* durante esse tempo. Sem vocês eu jamais teria conseguido ficar sã o suficiente para terminar esse trabalho. Obrigada por todas as conversas, piadas, risadas e companhia. Vocês fizeram toda a diferença durante essa jornada.

Aos meus ídolos que, através de suas músicas, me fizeram companhia durante a escrita deste trabalho. Ao longo das horas sentada em frente ao computador, eles não deixaram eu me sentir sozinha.

“Sua pele não é apenas escura

Ela brilha e conta sua história

Continue dançando, eles não podem te controlar”

- Beyoncé “Brown Skin Girl”

RESUMO

Esta dissertação analisa a personagem feminina negra no romance *Torto Arado* (2019), do escritor baiano Itamar Vieira Junior. Com a noção de interseccionalidade, o estudo pretende examinar como o espaço ficcional da Fazenda Água Negra organiza as relações de trabalho e de resistência das personagens no interior do romance. A interseccionalidade evidencia ainda como questões de raça, classe e gênero estruturam as vivências das personagens no texto ficcional. Destaca-se igualmente a formação de identidades de resistência em resposta às opressões e violências sofridas no ambiente social da narrativa. Por meio desse eixo crítico, o estudo também aspira compreender como as relações entre as personagens femininas do romance contribuem para a formação dessas identidades e as posições assumidas por essas personagens durante a narrativa.

Palavras-chave: Torto Arado; interseccionalidade; personagem feminina negra; trabalho; resistência.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the black female character in the novel *Torto Arado* (2019), by Brazilian author Itamar Vieira Junior. With the notion of intersectionality, the study aims to examine how the fictional space called Fazenda Água Negra organizes the characters' work and resistance relationships within the novel. The intersectionality further highlights how issues of race, class, and gender structure the experiences of the characters in the fictional text. Moreover, the formation of resistance identities in response to the oppression and violence suffered in the social environment of the narrative is also noteworthy. Through this critical axis, the study also aspires to understand how the relationship between the black female characters of the novel contributes to these identities' formation and the positions assumed by these characters during the narrative.

Keywords: Torto Arado; intersectionality; black female character; work; resistance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. A narrativa	10
1.2. Protagonismo das personagens narradoras negras	12
1.3 Interseccionalidade	15
1.4 Interseccionalidade e análise literária	18
1.5 O trabalho	21
1.6. Mulheres Negras	29
2. INTERSECCIONALIDADE E TRABALHO: MULHERES NEGRAS EM TORTO ARADO	31
2.1 Fazenda Água Negra: o trabalho no romance	31
2.2 Bibiana e Belonísia: a personagem mulher negra e o trabalho	43
3. IDENTIDADES DE RESISTÊNCIA NO ROMANCE	57
3.1 Ancestralidade e Memória em Água Negra	57
3.2 Donana e Salu: a resistência ancestral	61
3.3 Bibiana e Belonísia: elo entre irmãs	72
3.4 Belonísia e Maria Cabocla: dor e violência	76
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	95

1. INTRODUÇÃO

1.1. A narrativa

A personagem mulher negra é parte central do romance *Torto Arado* do escritor baiano Itamar Vieira Junior, publicado no Brasil em 2019, pela editora Todavia. A narrativa acompanha a história das irmãs Bibiana e Belonísia, durante o século XX, suas relações com a família e seu desenvolvimento social dentro da Fazenda Água Negra, situada no interior da Bahia. O autor Itamar Vieira Junior é nascido na Bahia e, além de escritor, é Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia e Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela mesma universidade. Ele estreou na literatura em 2012, tendo sido finalista do Prêmio Jabuti (2017) e conquistado prêmios como o Prêmio Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores (Seção Rio de Janeiro) e o Prêmio Leya em 2018. O romance *Torto Arado* foi primeiramente publicado em Portugal pelo grupo Leya em 2018.

Tendo em vista seu ofício como geógrafo, é possível estabelecer uma comparação entre o romance e seus estudos sobre territorialidade na Chapada Diamantina. O trabalho “Expressões de territorialidade entre trabalhadores e quilombolas na Chapada Diamantina, Bahia”, pensado por Vieira Junior em conjunto com Flavio dos Santos e apresentado em 2014 na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, é um estudo sobre a trajetória histórica, os processos de ocupação territorial e as manifestações de identidade étnica dessa comunidade. O trabalho acompanha um grupo de camponeses quilombolas e explora desde suas origens até seu laço afetivo com a terra.

Ao descrever a localidade em que se encontram esse grupo, chamada de lúna, os autores explicam que “lúna situa-se entre os rios Utinga e Santo Antônio, entre vales rasos e vazantes” (Vieira Junior e Dos Santos, 2014, posição 5). Essa localidade é bastante similar com a localização descrita no romance *Torto Arado* (2019), na qual a Fazenda Água Negra se encontra. Ao relatar onde a escola iria ser construída dentro da fazenda é dito que “O local destinado à construção era o cruzamento dos caminhos para os rios Santo Antônio e Utinga” (Vieira Junior, 2019, p.67). Além disso, os pesquisadores apontam que um traço importante na formação de lúna é a presença do jarê, que:

[...] que instituíram interessantes relações de parentesco entre as famílias, fazendo com que mesmo distintas e oriundas de diferentes localidades, ou seja, “moradoras” de diferentes propriedades estabelecessem relações que lhes conferiu um caráter de grupo social (Vieira Junior e Dos Santos, 2014, posição 7).

Pode-se dizer que o mesmo acontece com os trabalhadores e moradores da fazenda fictícia do romance, uma vez que o jarê tem forte presença dentro da narrativa e é um dos laços de união daquela comunidade. O trecho a seguir exemplifica essa ocasião, durante um forte período de seca “[...]as festas de jarê que continuavam a acontecer, mais modestas, mas na esperança de se mobilizar o panteão de encantados para que trouxessem a chuva e a fertilidade à terra” (Vieira Junior, 2019, p.80). Desse modo, é possível dizer, após a leitura do trabalho, que a vida dos personagens do romance *Torto Arado* (2019) possui semelhanças com a vida dos camponeses e quilombolas descrita no ensaio.

Pensando agora o romance, a narrativa introduz para o leitor as histórias das personagens irmãs Bibiana e Belonísia e sua família, além de outros moradores e trabalhadores da Fazenda Água Negra, localizada no interior do sertão nordestino, na Chapada Diamantina. A narrativa centra-se nas duas personagens e por meio de suas vozes explora o universo da fazenda, evidenciando histórias de opressões, violências e resistências que se desenvolvem no local. A narrativa é dividida em três capítulos: “Fio de Corte”, “Torto Arado” e “Rio de Sangue”. Cada parte possui uma narradora diferente. A parte intitulada “Fio de Corte” é narrada por Bibiana, “Torto Arado” é narrada por Belonísia e, por último, a parte “Rio de Sangue” é narrada por Santa Rita Pescadeira, uma entidade do jarê, religião de matriz Africana, presente na narrativa.

A primeira parte, “Fio de Corte”, é onde o leitor tem o primeiro contato com o espaço e os personagens do romance pela voz de Bibiana. Essa parte discorre sobre a infância das duas protagonistas, com destaque para o acidente que sofre Belonísia e a deixa sem língua e, conseqüentemente, sem fala. A partir desse acontecimento, a narrativa de Bibiana nos conta como a personagem passa a agir como a voz da irmã e como esse fato as leva a desenvolver um grande laço de união: “Nos primeiros meses após perder a língua fomos tomadas de um sentimento de união que estava embotado daquele passado de brigas e disputas infantis” (Vieira Junior, 2019, p.23). As duas tornam-se interdependentes e encaram as situações do

dia a dia juntas. Porém, essa situação muda com a chegada do primo, Severo, à fazenda. As duas irmãs, na fase de pré-adolescência, criam sentimentos de afeto pelo primo, o que as distancia. A primeira parte termina com Bibiana, grávida do primo, deixando a fazenda junto dele para buscar melhores oportunidades de vida fora daquele espaço.

Na segunda parte, “Torto Arado”, Belonísia narra as consequências da partida de Bibiana de seu círculo social. Além disso, traz as experiências vividas na saída de sua adolescência para a vida adulta, como, por exemplo, a vontade de ser mãe e os desafios enfrentados por ela ao sair da casa de seus pais. Diferentemente da primeira parte, na qual as duas irmãs constituem personagens constantes, na segunda parte, Bibiana só aparece de modo mais contínuo ao final quando volta a residir na fazenda. Durante essa parte, a violência e opressão sofridas por essas personagens mulheres negras numa fazenda do interior nordestino do país ganham relevo. Essa seção do romance é finalizada com o assassinato de Severo, depois de embates com o proprietário da fazenda sobre os direitos dos moradores e trabalhadores.

A última parte, “Fio de Corte”, narrada pela entidade Santa Rita Pescadeira, oferece uma visão sobre as duas irmãs e sobre os últimos episódios do romance. Essa parte dá seguimento aos eventos que sucedem o assassinato de Severo e como as irmãs e os outros personagens enfrentam a perda. Santa Rita Pescadeira narra também a sua vida como entidade, descrevendo a história, a violência e a opressão que presenciou contra o povo negro diaspórico durante os séculos passados, traçando a biografia da ancestralidade dos moradores da fazenda. As personagens nascem e crescem na Fazenda Água Negra, o espaço central da narrativa. O período no qual se passa a história escrita por Vieira Junior (2019) tem início por volta da década de 1930: “Sabíamos que a fazenda existia, pelo menos, desde a chegada de Damião, o pioneiro dos trabalhadores, durante a seca de 1932” (Vieira Junior, 2019, p.176).

1.2. Protagonismo das personagens narradoras negras

De acordo com a professora e pesquisadora de literatura da Universidade de Brasília Regina Dalcastagnè (2011), em sua pesquisa sobre a personagem do romance brasileiro contemporâneo, a maioria dos personagens em romances

brasileiros contemporâneos, publicados entre 1990 e 2004, é composta por homens brancos, de condições socioeconômicas altas. Outros grupos, especialmente os racializados e marginalizados socialmente, acabam sendo sub representados ou retratados de forma estereotipada, além de consistir, em sua maioria, em personagens secundários.

Essa crítica à ausência de representatividade na produção literária brasileira contemporânea também é assinalada pela escritora e linguista afro-brasileira Conceição Evaristo (2011), na apresentação do livro *Questão de Pele* do escritor Luiz Ruffato (2011). Nesse texto, a escritora afirma que existe uma propensão à inviabilização do negro e que essa se verifica facilmente quando analisadas as obras que compõem a literatura brasileira nas quais personagens negros surgem como personagens secundários ou antagonistas. Evaristo (2011) complementa: “quando essa representação incide sobre a mulher negra, se evidenciam de modo bastante contundente as tensões nem sempre desmascaradas do jogo ambíguo da democracia racial brasileira” (Evaristo, 2011, p.20-21). Isso significa dizer que a representação das mulheres negras acaba por expor as inconsistências da democracia racial brasileira, uma vez que existe uma diferença entre o imaginário da igualdade racial, que é o que acaba sendo retratado nas obras, e a realidade vivida por essas mulheres.

A partir do esforço desses grupos socialmente marginalizados, nas últimas décadas vem crescendo no cenário literário a presença de personagens que diferem dos dados apresentados por Dalcastagnè (2011) e das afirmações de Evaristo (2011). Pode-se considerar o romance *Torto Arado* (2019) parte desse esforço, uma vez que a obra possui duas personagens femininas negras como protagonistas e narradoras, além de ser escrita por um autor negro. Dessa forma, ao trazermos para o centro desse estudo este romance, entendemos colaborar para colocar em foco personagens femininas negras não estereotipadas que possuem voz própria, uma vez que são elas que contam ao leitor sua própria história, e contribuir para a circulação, principalmente dentro do meio acadêmico, de obras literárias escritas e protagonizadas por negros e negras.

Desde seu lançamento, *Torto Arado* recebeu muitos estudos críticos. O artigo “Torto Arado: a importância de narrativas de mulheres negras na (re)constituição de

suas identidades e protagonismo", publicado na revista *AlembraA* em 2021, é um exemplo desses estudos. Os autores neste texto analisam as vivências das personagens femininas negras do romance e como suas formas de resistência contribuem para essa (re)constituição da identidade da mulher negra, utilizando conceitos trabalhados por teóricos como Spivak (2010) e Hall (2007). Na primeira parte, os autores consideram a importância da literatura como objeto de resistência, uma vez que ela possui um papel fundamental nas lutas contra desigualdades sociais. Na segunda, analisa-se como as personagens femininas negras possuem sua própria voz e contam suas próprias histórias. Já na terceira parte, trata-se do encontro com a ancestralidade e como esse fato traz significado e orgulho para a vivência dessas personagens.

Outro exemplo desses estudos é o artigo "A resistência da mulher negra em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior", também de 2021 e publicado na *Revista de Literatura, História e Memória*. Neste artigo, as autoras utilizam o conceito de interseccionalidade para analisar as personagens femininas negras do romance e como cada uma, a seu modo, busca formar suas resistências utilizando autores como Kilomba (2019) e hooks (2019). Na primeira parte, se caracteriza o contexto patriarcal e racista em que as personagens femininas negras do romance se encontram e como, a partir desse contexto, elas estão sujeitas a diferentes tipos de desigualdades, porém também se indica que essas personagens fogem da ideia de mulher dominada. Já na segunda parte, aborda-se como o patriarcalismo e a submissão feminina estão presentes na narrativa e também como as personagens femininas negras buscam maneiras de resistir a essas opressões.

Assim, embora existam estudos críticos realizados a partir da obra *Torto Arado* (2019) que utilizam o conceito de interseccionalidade como forma de análise, entende-se que seja produtivo nesse trabalho utilizar essa perspectiva atrelada à ideia de trabalho. Como as questões de gênero, classe e raça estruturam as relações de trabalho das personagens femininas negras dentro do espaço fictício da Fazenda Água Negra? Como consequência, explora-se igualmente as formas de resistência das personagens causadas pelas dores, opressões e violências advindas da sua condição de mulheres negras pobres.

Sendo assim, no primeiro capítulo, pretende-se principalmente entender como o trabalho é organizado dentro desse espaço ficcional e qual é o papel ocupado pela personagem mulher negra dentro dele. Na primeira seção do capítulo, nomeada Fazenda Água Negra: o trabalho no romance, utilizando-se de conceitos trabalhados por pensadores como Mbembe (2018) e Fernandes (2008), explica-se como as relações de trabalho entre as personagens são abordadas no romance, bem como a Fazenda Água Negra está organizada perante a vertente do trabalho. Por outro lado, na segunda seção, chamada de Bibiana e Belonísia: a personagem mulher negra e o trabalho, aborda-se principalmente o local ocupado por essas personagens dentro desse espaço e quais funções acabam sendo impostas a ela por ser mulher e negra, utiliza-se conceitos trabalhados principalmente por Gonzalez (2020) e Nascimento (2021).

No segundo capítulo, pretende-se discutir como as formas de resistência desenvolvidas por essas personagens e como as relações desenvolvidas entre elas contribuem para essas resistências. Na primeira seção, nomeada Ancestralidade e Memória em Água Negra, explora-se como a ancestralidade e memória se fazem presentes dentro da comunidade descrita no romance. Na segunda, Donana e Salu: a resistência ancestral, trabalha-se como a memória ancestral e as histórias passadas de geração em geração contribuem para a resistência das personagens Bibiana e Belonísia. A terceira seção, Bibiana e Belonísia: o elo entre irmãs, trata das diferentes formas de resistência desenvolvidas pelas irmãs e como o laço de intimidade que as une fortalece essas resistências. Já na quarta seção, chamada de Belonísia e Maria Cabocla: dor e violência, desenvolve-se como o vínculo estabelecido entre Belonísia e sua vizinha contribui para que elas rompam o ciclo de violência doméstica ao qual estavam submetidas.

1.3 Interseccionalidade¹

As experiências das mulheres negras são marcadas por situações em que elas têm de lidar com racismo, sexismo e com os dois termos ao mesmo tempo. Isso se dá pelo fato de estarem na intersecção de raça e gênero, por serem negras e do gênero feminino. Como mulheres, elas fazem parte do grupo de mulheres e como

¹ Embora seja um conceito bastante utilizado dentro dos estudos acadêmicos, a interseccionalidade também possui seus críticos. Para melhor entendimento do assunto, sugere-se a leitura do livro *Black Feminism Reimagined: After Intersectionality* da professora da Duke University, Jennifer Nash.

negras do grupo de pessoas racializadas. Desse modo, suas experiências e vozes deveriam ser levadas em consideração por esses grupos na construção de suas pautas. Porém, de acordo com a teórica Afro-Americana de raça e gênero Kimberlé Crenshaw, falando especificamente da sociedade estadunidense, “Mulheres negras são às vezes excluídas das teorias feminista e do discurso político antirracista porque os dois são baseados em um conjunto de experiências que muitas vezes não refletem precisamente a interação entre raça e gênero” (Crenshaw, 1989, p.140, tradução minha)². O que significa dizer que as experiências únicas de mulheres negras em relação ao racismo e ao sexismo muitas vezes não são levadas em consideração quando as pautas desses movimentos estão sendo construídas.

É nessa falta de espaço dentro de ambos os movimentos que feministas negras norte-americanas começam a trabalhar com a noção de interseccionalidade. Embora o termo interseccionalidade só tenha sido sistematizado em 1989 por Crenshaw, de acordo com o artigo sobre o ativismo feminista negro no Brasil de Rodrigues e Freitas (2021), “a ideia das opressões cruzadas e indissociáveis de gênero, raça e classe já fazia parte do repertório discursivo das mulheres negras brasileiras desde os anos 1970 e 1980” (Rodrigues e Freitas, 2021). Esse é o caso, por exemplo, das pensadoras afro-brasileiras Lélia Gonzalez (2020) e Beatriz Nascimento (2021).

Depois de apresentar dados sobre a mulher negra no mercado de trabalho brasileiro do Censo de 1980 em seu ensaio “A mulher negra no Brasil”, publicado originalmente em 1995, Gonzalez (2020) aponta que “pode-se concluir que discriminação de sexo e raça faz das mulheres negras o segmento mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, limitando suas possibilidades de ascensão” (Gonzalez, 2020, p.160). A partir desse trecho, é possível identificar que a autora já assinalava a intersecção de raça e gênero como um dos fatores contribuintes para a opressão e exploração da mulher negra na sociedade. Do mesmo modo, a historiadora e ativista Beatriz Nascimento (2021), ao falar sobre as condições da mulher negra no mercado de trabalho em seu ensaio intitulado “A mulher negra no mercado de trabalho”, originalmente publicado em 1976, salienta que “A mulher

² “Black women are sometimes excluded from feminist theory and antiracist policy discourse because both are predicated on a discrete set of experiences that often does not accurately reflect the interaction of race and gender.” (Crenshaw, 1989, p.140)

negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, desse modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão” (Nascimento, 2021, posição 53). Ambas as ativistas destacam que a intersecção entre raça e gênero é um dos agentes que dita as posições ocupadas por mulheres negras dentro da sociedade.

Assim, dentro dos movimentos feministas e negros, essas ativistas se posicionaram para expor a situação única da mulher negra com relação à opressão e exploração. Na “Carta denúncia do Coletivo de Mulheres Negras Nzinga”, do qual as ativistas faziam parte, publicada em 1984 no Rio de Janeiro, diz-se que:

Numa sociedade onde o racismo e o sexismo, enquanto fortes sustentáculos da ideologia de dominação, fazem dos negros e das mulheres cidadãos de segunda classe, não é difícil visualizar a terrível carga de discriminação a que está sujeita a mulher negra. A dimensão racial nos impõe uma inferiorização ainda maior, já que sofremos, como as outras mulheres, os efeitos da desigualdade sexual. Na verdade, ocupamos o polo oposto ao da dominação, representado pela figura do homem branco e burguês. Por isso mesmo constituímos o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira (Nzinga Coletivo de Mulheres Negras, 1984/2020).

Nesse fragmento, é possível observar certas noções do conceito de interseccionalidade comentado anteriormente, uma vez que a carta destaca a particular posição da mulher negra no âmbito da desigualdade sexual e racial. Além disso, o texto assinala a situação singular da mulher negra em oposição ao homem branco, com respeito ao sexismo e ao racismo. Tendo em vista que “No Brasil, o racismo — enquanto construção ideológica e um conjunto de práticas — passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses” (Gonzalez, 2020, p.34), é possível afirmar que o homem branco foi quem mais se beneficiou dos resquícios da escravidão. O indivíduo masculino branco não sofreu os efeitos do racismo, pois continuou a ser dono dos meios de produção e riquezas, sem ter de lidar com os percalços trazidos pelo sexismo. Do lado oposto se encontra, então, a mulher negra que é obrigada a encarar as sequelas da escravidão como negra e as consequências do sexismo como mulher. Isso significa dizer que como negra, essa mulher continua a ser parte da população que ainda se encontra majoritariamente marginalizada com poucas oportunidades de mobilidade, “a população negra, em termos de capitalismo monopolista, é que vai constituir, em sua grande maioria, a massa marginal crescente” (Gonzalez, 2020, p.35). Não obstante, como mulher, ela

segue sendo colocada em posições de submissão, com sua liberdade, seja física ou intelectual, regrada.

Isso posto, desde a perspectiva teórica, a interseccionalidade é primariamente um conceito que nasce no campo dos estudos sociais. De acordo com a pesquisadora afro-brasileira Carla Akotirene (2022), por exemplo, o termo visa “dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (Akotirene, 2022, p.19). Ou seja, busca fornecer uma teoria base para entender como essas estruturas se interseccionam afetando aqueles que se encontram nesses cruzamentos. Assim, Crenshaw (1991) descreve a interseccionalidade como estruturas de subordinação, raça, gênero, classe e entre outros, que se sobrepõem e moldam as experiências de todos que se encontram em suas intersecções. Desse modo, mulheres negras, por se encontrarem na intersecção de raça e gênero, e muitas vezes também de classe, têm suas experiências na sociedade ditadas por cada uma dessas estruturas separada e concomitantemente.

1.4 Interseccionalidade e análise literária

Nos últimos anos, a interseccionalidade vem sendo utilizada pela crítica literária brasileira para analisar obras com protagonistas negras e, principalmente, de autoria de mulheres negras, pois trazem de modo manifesto elementos de classe, gênero e raça. A modo de exemplo, obras como a narrativa *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus e o conto *Maria* de Conceição Evaristo, cujas protagonistas são negras, possuem artigos produzidos por discentes e docentes das universidades Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e Federal de São Paulo (Unifesp). Esses estudos analisam as obras a partir das estruturas de classe, gênero e raça que conformam as personagens principais.

O artigo “Pode Maria falar? Um estudo interseccional do conto “Maria”, de Conceição Evaristo”, produzido por Azevedo e Santos Júnior em 2022, traz uma discussão sobre a subalternidade e a interseccionalidade da personagem Maria, uma personagem feminina negra. O conceito de subalternidade foi elaborado pela crítica e teórica indiana Gayatri Spivak (2014) no qual ela relaciona o termo “subalterno” àqueles indivíduos que, por sua posição na hierarquia social, são destituídos de suas vozes, o que pode ser observado durante o conto na

personagem Maria. Ao ser acusada de algo que não cometeu, ela “tem sua voz embargada, seus sentimentos e reações invisibilizados e ainda encarados como uma audácia” (Azevedo e Santos Júnior, 2022, p.7). Ao discutir sobre interseccionalidade e subalternidade nesse conto, os autores também acabam discutindo a realidade brasileira e comparando-a com a obra, concluindo que mulheres negras reais muitas vezes também têm suas identidades apagadas e suas vozes silenciadas.

Por outro lado, o artigo “A interseccionalidade a partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus”, produzido por Vieira e Johanson em 2020, discute como a autora Carolina Maria de Jesus, a partir de sua obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), conversa com conceitos interseccionais. Assim, discutindo como a intersecção de raça, gênero e classe caracterizam as opressões sofridas pela personagem principal. A obra se trata de uma “escrevivência”, termo criado por Conceição Evaristo que explica a escrita que deriva da vivência, das lembranças e da experiência do autor e seu povo. Desse modo, a personagem principal identifica-se com a própria Carolina Maria de Jesus, fato que torna a interseccionalidade como instrumento de análise ainda mais plausível, uma vez que os vínculos entre literatura e materialidade do real são expressamente reivindicados nesse tipo de texto.

As obras exploradas pelos estudos possuem uma semelhança que precisa ser levada em consideração quando observamos o uso da interseccionalidade como conceito de análise literária: são obras escritas por autoras negras. Os acontecimentos narrados, vividos pelas personagens femininas negras em ambos os textos, nasceram de mãos que em algum momento ocuparam um lugar na materialidade do campo social da qual essas mesmas personagens emergiram. O romance *Torto Arado* (2019) foi escrito por um homem negro. As personagens Bibiana e Belonísia, diferentemente das personagens das obras mencionadas acima, não são elaboradas desde a perspectiva de um autor que ocupou esse mesmo campo social.

No entanto, esse fato, não apaga a validade do uso do conceito como instrumento de análise literária. Nessa perspectiva, Regina Dalcastagnè (2007), ao comparar personagens mulheres brancas e não-brancas, diz que:

Além da nítida diferença na representação de personagens brancas e não-brancas, às quais estão reservados os espaços mais subalternos na narrativa, há também uma variação grande entre protagonistas e coadjuvantes – tanto naquelas escritas por homens quanto por mulheres. As protagonistas sempre são mais complexas e trazem mais especificações do que as personagens secundárias, que costumam se aproximar mais dos estereótipos (Dalcastagnè, 2007, p.130).

Assim, os papéis ocupados por personagens negros, em especial personagens femininas negras, são, na narrativa brasileira recente, com frequência secundários e/ou estereotipados. Uma personagem secundária é aquela que não protagoniza as ações narradas e com frequência é descrita com menos complexidade. Já a personagem estereotipada é aquela concebida a partir das características simplificadas e exageradas de um determinado grupo. Um exemplo de personagem feminina negra que se encaixa nas categorias mencionadas por Dalcastagnè (2007) é Bertoleza de *O Cortiço*, do romancista Aluísio Azevedo (1890). Essa personagem não se configura como protagonista das ações narradas e não possui complexidade, além de refletir o estereótipo da negra submissa, ao realizar, sem conflito interno, todas as vontades de João Romão, um homem branco. Desse modo, ao utilizarmos a interseccionalidade como instrumento de análise literária, entendemos contribuir para levantar como operam o racismo, o sexismo e outras questões semânticas e semióticas dentro dos modos literários das narrativas.

Ainda sobre a interseccionalidade, ao falar sobre a sociedade estadunidense, as sociólogas Patricia Hill Collins e Margaret L. Andersen (2013) discutem a necessidade de se analisar as opressões causadas pela intersecção de raça, classe, gênero, uma vez que elas têm efeitos profundos na vida cotidiana das pessoas. Para as sociólogas “[...] raça, classe e gênero são categorias de experiências que se cruzam e afetam todos os aspectos da vida humana; elas, simultaneamente, estruturam as experiências de todas as pessoas nessa sociedade” (Andersen e Collins, 2013, p.4, tradução minha)³. Embora o recorte seja feito da sociedade estadunidense, a percepção das sociólogas pode ser expandida para outras sociedades, uma vez que essas categorias estão presentes na maioria das organizações sociais ao redor do mundo. Por exemplo, a experiência de uma mulher negra e pobre no Brasil está, sem dúvida, inteiramente ligada às categorias de raça, gênero e classe que ela faz parte.

³ “[...] race, class, and gender are *intersecting* categories of experience that affect all aspects of human life; they *simultaneously* structure the experiences of all people in this society.” (Andersen; Collins, 2013, p.4)

Neste estudo, a interseccionalidade nos servirá para compreender alguns mecanismos que subordinam as relações simbólicas que as personagens femininas negras do romance estabelecem entre si e com as demais instâncias de sentido da narrativa. Para levar a cabo esse estudo, focaremos especialmente no papel que as personagens exercem como força de trabalho dessa sociedade e das formas de resistência que ambas manifestam no texto.

1.5 O trabalho

Tendo em vista que o romance se passa em meados do século XX, numa Fazenda do interior do sertão baiano, é necessário entender o contexto do país à época, bem como o que significava o trabalho para as pessoas negras no período. Ao se tratar do contexto brasileiro da época, o país se encontrava sob o governo Vargas até meados de 1945. Essa ditadura foi marcada por grande centralização política e econômica e, principalmente, pela política trabalhista (Fausto, 2006). De acordo com o historiador e cientista político brasileiro Boris Fausto (2006), em 1930, depois da criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, houve a criação de leis de proteção ao trabalhador: “Entre as leis de proteção ao trabalhador estavam as que regularam o trabalho das mulheres e dos menores, a concessão de férias, o limite de oito horas da jornada normal de trabalho” (Fausto, 2006, p. 335). Ao se focar na situação da mulher negra, Lélia Gonzalez (2020), em seu texto “Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher”, publicado originalmente em 1979, assinala que, de acordo com o Censo de 1950, a mulher negra ficava em sua maior parte concentrada no setor de serviços pessoais. A pensadora afirma que:

Quanto à mulher negra, sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos, o que a coloca numa situação de sujeição, de dependência das famílias de classe média branca (Gonzalez, 2020, p.42).

Isso significa dizer que, embora existem leis de proteção ao trabalhador que regulassem o trabalho das mulheres, as mulheres, principalmente as negras, não estavam completamente protegidas por elas. Estando inseridas no setor de serviços pessoais, seus direitos e garantias ficavam a depender das famílias para as quais trabalhavam que, em sua maioria, eram brancas. O período após a ditadura Vargas é seguido pelo período democrático, marcado pela redemocratização,

industrialização, movimentos sociais e tensões políticas. Em 1964, temos o início da ditadura militar, período de fortes repressões sociais e políticas e movimentos de resistência, que permanece até o ano de 1985. Regressa, então, a redemocratização do país (Fausto, 2006).

De acordo com pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2021), o processo de industrialização do Brasil, entre os anos de 1930 e 1980, condicionou o funcionamento do mundo do trabalho no período (Souza et al, 2021). Isso significa dizer que a noção de trabalho nesse período estava profundamente ligada à indústria crescente no país. De acordo com Gonzalez (2020), ao falar do período entre 1950 e 1980, com a ampliação de diferentes setores industriais e urbanização, a indústria têxtil decaiu e muitas fábricas foram fechadas. Essas circunstâncias tiveram um impacto na mulher negra inserida no mercado de trabalho. Gonzalez (2020) aponta que “Com isso, a mulher negra praticamente perdeu seu lugar na classe operária ou, no máximo, tentou penetrar em outros setores primários como a indústria de roupas ou de alimentos, onde seria a grande minoria” (Gonzalez, 2020, p.41).

Assim, o mercado de trabalho brasileiro, antes predominantemente agrícola, passa a ser centrado na indústria (Souza et al, 2021). Os pesquisadores também apontam que, embora houvesse sido criada a legislação trabalhista com o Governo Vargas, “essas medidas apenas contemplavam os trabalhadores urbanos” (Souza et al, 2021, p.107) e que os trabalhadores rurais só tiveram acesso a direitos trabalhistas e sindicais em 1962. Ademais, ao sintetizar o período entre 1940 e 1980, os pesquisadores afirmam que:

a legislação trabalhista não atendia a todos os trabalhadores, o governo limitava a ação sindical, as conquistas trabalhistas eram restringidas e os centros dinâmicos não conseguiam absorver todo o contingente da força de trabalho urbana. O resultado era um mercado de trabalho que tinha como agravante, não o desemprego em si, mas a presença de atividades precárias e da informalidade durante todo o seu desenvolvimento (Souza et al, 2021, p.110).

Isso posto, entende-se que, apesar de existirem leis que deveriam padronizar a jornada de trabalho e garantir os direitos dos trabalhadores, na prática, esse fato não acontecia. Desse modo, o mercado de trabalho era marcado pela desigualdade, pelo desemprego e pela informalidade, principalmente quando considerados a área rural e as mulheres negras.

Tratando agora do espaço ficcional da Fazenda Água Negra, é essencial explicarmos o funcionamento desse local, bem como a organização dos trabalhadores. O trecho a seguir, no qual Bibiana reproduz a revolta de outra personagem com os proprietários do local, ilustra o que era produzido nesse espaço: “Que usura! Eles já ficam com o dinheiro da colheita do arroz e da cana” (Vieira Junior, 2019, p.45). Desse modo, pode-se assumir que essas eram as culturas presentes dentro deste espaço. No entanto, durante o romance, o arroz que é mais mencionado e lembrado.

Vieira Junior e dos Santos (2014), em seu estudo sobre a população quilombola de Iúna, explicam como estavam organizadas as terras de “morada” das fazendas nesse território. Cada casa (feita de barro) tinha um espaço contínuo e pequeno denominado de quintal que servia para plantação e criação de animais de pequeno porte, que serviam de alimentação daquela família. Além disso, eles também explicam onde as roças do proprietário se encontram, eles afirmam que “Geralmente as roças, para o grupo, estão nas partes mais elevadas e menos úmidas, ou seja, mais distantes dos rios e marimbus” (Vieira Junior e Dos Santos, 2014, posição 15). A partir dessas informações é possível entender que a roça em que trabalhavam para o dono das terras ficava mais afastada de suas casas. Assim, podemos assumir que a fazenda retratada no romance funcionava de modo semelhante, uma vez que esse estudo parece servir de inspiração para a escrita dele.

Sobre a organização do espaço e os grupos humanos que o habitavam, existem dois grupos distintos: os proprietários e os trabalhadores. Os proprietários, em um primeiro momento, são a família Peixoto. Eles eram brancos e não residiam na fazenda e sim na capital, recolhiam apenas os lucros que a produção do local gerava. “A família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam” (Vieira Junior, 2019, p.54). Embora proprietários, eles não eram moradores, o que deixa de manifesto o uso comercial do espaço. Mais ao final do romance, essa propriedade passa a ser de Salomão, um homem que “Tinha cor de areia e ferrugem como a que se vê na beira do rio Santo Antônio” (Vieira Junior, 2019, p.210). De acordo com

Santa Rita Pescadeira, ele utilizava-se dessa cor nas discussões que tinha com os moradores a respeito de seus direitos, para mostrar que não tinha nada contra ninguém. Salomão, diferentemente dos Peixoto, é presença constante dentro da fazenda e “parecia se interessar por tudo” (Vieira Junior, 2019, p.210).

Os trabalhadores eram todos aqueles que residiam na fazenda, trabalhavam na colheita e no cuidado com os animais, e não recebiam nenhuma remuneração formal por isso. Embora todos sejam trabalhadores, existe uma pequena distinção entre o gerente da fazenda e o restante dos trabalhadores. O gerente é aquele que coordena os trabalhadores, é ele que admite novos trabalhadores e supervisiona o trabalho feito. Diferentemente dos outros trabalhadores, grupo ao qual nossas protagonistas pertencem, o gerente não trabalha na lavoura.

Todo o trabalho realizado por esses trabalhadores, a plantação, a colheita, o cuidado com os animais, era recompensado apenas com moradia e a oportunidade de plantar o próprio alimento no quintal de casa. A moradia era precária, feita de barro, e se desfazia com o tempo, como nos mostra Belonísia ao falar da casa dos pais: “O barro havia cedido, deixando à mostra o trançado de madeira que sustentava a parede da frente” (Vieira Junior, 2019, p.159). Além disso, parte do que produziam em seus quintais deveria ser dado ao proprietário. Bibiana ilustra esse “dever” no final da primeira parte, ao falar de quando o gerente foi até a casa de seus pais e recolheu parte do que tinham, apesar da seca, até mesmo o que eles haviam comprado na feira com a venda de seus azeites e “Lembrou a meu pai da terça parte que tinha que dar da produção do quintal” (Vieira Junior, 2019, p. 85). A partir desses trechos, é possível entender como a forma de remuneração dos trabalhadores da fazenda funcionava de modo injusto e exploratório, fora das leis e da segurança do Estado que foram estabelecidas em 1930.

Tendo em vista as relações de poder presentes no interior desse local, e levando em consideração que o trabalho exercido dentro desse espaço é um trabalho rural não remunerado, pode-se dizer que a fazenda opera, mesmo no século XX, de modo similar à maneira que as grandes fazendas coloniais, os engenhos de açúcar principalmente, operavam. Ao explicar sobre o funcionamento das grandes lavouras, o sociólogo e historiador brasileiro Caio Prado Júnior (1961) afirma que uma das características básicas desse modelo de agricultura é a

exploração em larga escala. Além disso, o historiador complementa “Cada unidade produtora, conjugando áreas extensas e numerosos trabalhadores, constitui-se como uma usina, com organização coletiva do trabalho e mesmo especializações” (Prado Júnior, 1961, p.137). Ao aplicarmos a fala de Prado Júnior (1961) à fazenda ficcional do romance, percebemos que também existe, dentro desse espaço, uma organização coletiva do trabalho e uma exploração em larga escala, tanto da terra, quanto dos próprios trabalhadores.

Sendo assim, observa-se que as grandes fazendas de açúcar do século XIX eram mantidas majoritariamente pelo trabalho escravo. Com respeito ao engenho açucareiro brasileiro, o professor de história da Universidade de Yale, Stuart B. Schwartz (1988), afirma que “O elemento crucial na manufatura do açúcar foram os escravos. Suas condições de vida e trabalho são fundamentais para explicar a natureza da sociedade que se originou da economia açucareira” (Schwartz, 1988, p.122). Assim, podemos entender que os escravos foram a base para a existência dessa manufatura e também que esse tipo de economia possuiu grandes impactos nas sociedades dos períodos que o sucederam.

Ademais, ao comentar sobre a rotina de trabalho do escravo, Schwartz (1988) aponta como a rotina da plantação ainda era acrescida de outras demandas que aumentavam as horas de trabalho. No romance, embora não sejam pessoas escravizadas formalmente, os trabalhadores eram cativos – numa clara referência à escravidão – daquele espaço e das ordens dos senhores da fazenda, como percebe-se pela fala de Bibiana: “sem, ainda, compreender a dominação que nos fazia trabalhadores cativos da fazenda” (Vieira Junior, 2019, p.34). Além disso, o trabalho que faziam era acrescido de outras tarefas como consertar cercas e montar represas. Lembrando que os afazeres realizados nesse espaço eram apenas em troca de uma moradia precária e alimento, o mínimo necessário à sobrevivência dessas pessoas. Desse modo, ao oferecer a garantia de sobrevivência para as pessoas negras da fazenda, o proprietário obtinha margens de lucro semelhantes ao período formal da escravidão. É necessário, portanto, que a vida das pessoas trabalhadoras seja preservada para que haja esse lucro para os donos da fazenda.

Uma reflexão que se pode acrescentar a essa análise é a que o filósofo camaronês Mbembe (2018) desenvolve com o conceito de necropolítica. Para o

filósofo, na necropolítica, as políticas governamentais do Estado são fatores que decidem quem vai viver e quem vai morrer. Isso significa dizer que as políticas propostas pelo Estado têm o poder de selecionar as parcelas da população que irão recebê-las e quem será “deixado de lado”. Falando do sistema capitalista, ao qual a maior parte do mundo está sujeita, por meio de ações ou omissões, ele acaba decidindo quem vive e quem morre. Considerando que “a raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros - ou a dominação a ser exercida sobre eles” (Mbembe, 2018, p.18), não é difícil entender como o racismo opera a favor da necropolítica. Um exemplo disso pode ser encontrado quando se observa o que se sucedeu com a população negra escravizada após o fim da escravidão formal no Brasil. O professor e historiador brasileiro Petrônio Domingues (2005), ao analisar o mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil entre os anos de 1889 e 1930, afirma que, no contexto da nova República,

Do ponto de vista do discurso legal, cidadãos negros passariam a desfrutar de uma igualdade de direitos e oportunidades em relação aos brancos em todas as áreas da vida pública: educação, emprego, moradia, terra, saúde, lazer, etc. No entanto, não podemos esquecer que, segundo o artigo 70, título IV, da Constituição de 1891, não tinham direitos políticos, ou seja, não podiam votar e ser votados, entre outros, os analfabetos, condição na qual se encontrava a maioria da população negra, em São Paulo, no alvorecer da República. Assim, a inexistência da igualdade política anulava, na prática, muito dos supostos avanços da teoria (Domingues, 2005, posição 2-3).

Embora o historiador esteja falando, principalmente, da conjuntura paulista, é possível expandir essa situação pelo país. Desse modo, pode-se entender que essa população negra foi deixada à margem das políticas públicas, resultando também na sua marginalização da sociedade, uma vez que não possuíam os direitos que, em teoria, deveriam possuir.

Colocando esse recorte dentro da narrativa, pode-se dizer que a raça dos personagens da fazenda Água Negra contribui para que eles sejam mantidos nessa bárbara relação de hierarquização e desigualdade social. Belonísia ao falar sobre os discursos feitos por Severo sobre os direitos os trabalhadores, menciona que ele levantava a voz para dizer:

Que nossos antepassados migraram para as terras de Água Negra porque só restou aquela peregrinação permanente a muitos negros depois da

abolição. Que havíamos trabalhado para os antigos fazendeiros sem nunca termos recebido nada, sem direito a uma casa decente, que não fosse de barro, e precisasse ser refeita a cada chuva (Vieira Junior, 2019, p.197).

O trecho acima mostra que, por não receber o devido apoio pós abolição, esse tipo de trabalho foi que havia restado para muitos negros. Sendo assim, pode-se dizer que a raça desses trabalhadores cativos contribui para a condição a que estão submetidos. Lélia Gonzalez (2020), em uma entrevista publicada no jornal *The Brazilians* em 1984, afirma que:

A população negra brasileira se encontra numa situação que não é muito diferente de há noventa anos atrás, pois as formas de dominação e exploração não acabaram com a falsa abolição, mas simplesmente se modificaram. Continuamos marginalizados na sociedade brasileira que nos discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, subemprego, à marginalidade, negando-nos o direito à educação, à saúde e a moradia decente (Gonzalez, 2020, p.302).

Embora estivesse falando sobre a população negra da década de 80, González (2020) aponta o fato de que não houveram mudanças desde a abolição. Essa afirmação permite entender as condições às quais a população negra estava submetida no pós-abolição. Uma vez que não havia apoio do Estado, essa população se encontrava marginalizada, sem direitos básicos. Essa situação pode também ser entendida pelo trecho acima retirado do romance.

Para a historiadora brasileira Beatriz Nascimento (2021), em seu estudo intitulado “A mulher negra no mercado de trabalho”, publicado originalmente em 1976, a sociedade colonial brasileira apresentava-se extremamente hierarquizada. Em um polo se encontrava o senhor de terras (poder econômico) e no pólo oposto as pessoas escravizadas (força de trabalho efetiva). A Fazenda Água Negra do romance produz uma relação entre as personagens em que a hierarquia é marcante, uma vez que de um lado temos a família dona da fazenda, os Peixoto/Salomão, que controla o retorno financeiro gerado pelo local, e do outro os trabalhadores/moradores, que são a força de trabalho que gera esse retorno, mas que não usufrui dele. Essa relação fica bem representada pela seguinte fala de Bibiana: “A família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam” (Vieira Junior, 2019, p.54).

Ao se deter sobre a questão de gênero, a historiadora afirma, por exemplo, que “Por estar assim definida, a sociedade colonial se reveste de um caráter patriarcal que permeia toda a sua estrutura, refletindo-se de maneira extrema sobre a mulher” (Nascimento, 2021, posição 51). Desse modo, podemos afirmar que essa estrutura patriarcal e colonial presente no espaço fictício da Fazenda Água Negra recai de forma intensa sobre as personagens femininas negras do romance, por serem mulheres e negras. A fala de Belonísia sobre a vizinha Maria Cabocla explicita alguns dos efeitos exclusivos dessa estrutura para as personagens femininas negras. Ela diz:

Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, uma atrás da outra, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas (Vieira Junior, 2019. p.119).

Os extenuantes afazeres das personagens, não somente na roça, mas na geração de crianças, traz consequências exclusivas para elas. Ao deter-se sobre a relação entre mulheres negras e trabalho, a psicóloga e ativista negra Maria Aparecida Silva Bento (1995), em seu estudo também intitulado “A Mulher Negra no Mercado de Trabalho”, afirma que:

A hierarquia social baseada na raça e igualmente no gênero estabelece que a uma posição inferior na relação ampla entre brancos/negros homem/mulher deve corresponder uma posição inferior no trabalho onde o lugar de um jamais seja ocupado pelo outro (Bento, 1995, p.484)

Isso significa dizer que existe uma hierarquia social, baseada em gênero e raça, que estabelece que os lugares a serem ocupados por cada um dentro da sociedade e, conseqüentemente, também dentro do ambiente de trabalho. Desse modo, podemos supor que mulheres negras, levando em conta suas posições como mulheres e negras, ficam com a posição inferior. Ademais, a professora e socióloga Maria Lugones (2020), em seu estudo “Colonialidade e Gênero” publicado originalmente em 2008, afirma que “A divisão do trabalho é racializada e geograficamente diferenciada (Lugones, 2020, posição 409). Isso significa dizer que a raça e o local geográfico ocupado por alguém é determinante no papel a ser ocupado no ambiente de trabalho. Desse modo, negros e negras, principalmente, em regiões subdesenvolvidas terão seu lugar na divisão do trabalho ditado por esses indicadores.

Ao trazer-se essas ideias para a obra analisada, é possível inferir que as personagens femininas negras do romance são colocadas em um local de inferioridade dentro da hierarquia social presente no ambiente fictício da fazenda Água Negra quando comparadas aos outros personagens masculinos. Essas circunstâncias podem ser entendidas, principalmente, quando observadas as posições de liderança dentro do ambiente da fazenda. Bibiana, ao voltar a residir na fazenda, é o apoio do marido dentro movimento pelos direitos dos trabalhadores. Ela assume um papel secundário apoiando o marido, principalmente cuidando dos filhos e das tarefas domésticas, o que permite que Severo assuma a liderança do movimento. Assim, é possível entender que as personagens femininas não ocupam os mesmos papéis de liderança das personagens masculinas. Além disso, por estarem localizadas em uma região subdesenvolvida, suas opções são extremamente limitadas, o que é uma das razões que faz com que Bibiana e Severo deixem a fazenda, em primeiro lugar.

1.6. Mulheres Negras

A relação entre as mulheres negras é parte importante na narrativa de *Torto Arado* (2019). Os vínculos entre as personagens femininas negras contribuem para que as personagens reafirmem sua existência e resistência dentro desse espaço. Tem destaque o forte elo que une as irmãs durante a infância, já que passa a agir como a voz da outra, como exposto por Bibiana “Nos últimos dez anos, embora preservássemos nossas individualidades, fortalecemos uma ligação muito íntima, gestos e expressões que somente nós sabíamos interpretar” (Vieira Junior, 2019, p.77). Há ainda outros vínculos entre as personagens que servem a esse propósito, como a amizade que surge entre Belonísia e Maria Cabocla, a vizinha que ela conhece depois de deixar a casa dos pais para morar com Tobias. Através do elo afetivo que estabelecem, elas criam a coragem necessária para resistir aos abusos e violências que sofriam dentro de suas casas. Belonísia, depois de presenciar a violência física sofrida por Maria, resolve se opor às tiranias de Tobias e comenta: “Dali a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla” (Vieira Junior, 2019, p.121). Maria Cabocla, por outro lado, se impõe aos abusos de Aparecido, seu marido, depois que Belonísia a ajuda.

Tratando da relação entre mulheres negras, a professora e escritora afro-brasileira Vilma Piedade (2017) nos apresenta o conceito de dororidade. Sem pretender se opor ao conceito de sororidade, mas sim complementá-lo, ela afirma:

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravio nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado (Piedade, 2017).

Para Piedade (2017), a sororidade não contempla a dor causada pela intersecção do sexismo com o racismo em mulheres pretas. Desse modo, é na dororidade, no compartilhamento de suas experiências, que mulheres negras formam laços necessários para sua sobrevivência. Collins (2000) também aborda a relação entre mulheres negras e, embora sua fala seja voltada às experiências das afro-americanas, é possível aplicar esse discurso a outras mulheres negras. A socióloga explica que é através das relações entre mulheres negras, do conforto de conversas cotidianas, sérias ou não, que mulheres afro-americanas reafirmam seu direito de existir, sua humanidade e suas especificidades (Collins, 2000). Ao aplicar essas teorias a obra estudada, é possível afirmar que é através das relações estabelecidas entre as personagens femininas negras do romance que as personagens buscam resistir às opressões e violências advindas do meio que vivem, principalmente por conta de sua interseccionalidade.

Assim, o presente trabalho pretende usar o conceito de interseccionalidade atrelado às noções de trabalho e resistência para estudar as experiências vividas pelas personagens femininas negras do romance, dividindo assim o estudo em dois capítulos: “Interseccionalidade e Trabalho: Mulheres Negras em Torto Arado” e “Identidades de Resistência no Romance”.

2. INTERSECIONALIDADE E TRABALHO: MULHERES NEGRAS EM TORTO ARADO

Neste capítulo, retomaremos a análise das personagens femininas negras do romance, com o foco especial nas irmãs protagonistas Bibiana e Belonísia, e o trabalho que exercem dentro da narrativa construída por Itamar Vieira Junior (2019). Levaremos em consideração para a discussão a intersecção de raça, gênero e classe na qual as personagens estão inseridas. Este cruzamento de perspectivas exerce influência nos espaços a serem ocupados por elas dentro do plano ficcional da Fazenda Água Negra. Desse modo, podemos entender como operam as relações de poder e racismo dentro da narrativa que de certo modo acaba representando uma sociedade patriarcal rural.

Para tal, como indicamos anteriormente, utilizaremos o conceito de interseccionalidade trabalhado pelas teóricas Akotirene (2022), Crenshaw (1989; 1991) e Collins (2000; 2013), além dos estudos sobre a mulher negra feito pelas estudiosas Bento (1995), Nascimento (2021) e Gonzalez (2020). Usamos a também a noção de necropolítica de Mbembe (2018) para explicar parte do funcionamento do espaço fictício da Fazenda Água Negra.

O presente capítulo é dividido em duas partes. A primeira, denominada “Fazenda Água Negra: o trabalho no romance”, busca entender o conceito de trabalho apresentado na narrativa e o funcionamento desse espaço fictício, bem como o lugar da personagem feminina negra nesse meio. Por outro lado, a segunda parte, nomeada “Bibiana e Belonísia: a personagem feminina negra e o trabalho”, procura explicar como a interseccionalidade de classe, gênero e raça, que estrutura as personagens femininas negras, afeta a posição que elas ocupam dentro desse espaço e consequentemente as funções que exercem.

2.1 Fazenda Água Negra: o trabalho no romance

O espaço central em que acontecem as ações da narrativa de *Torto Arado* (2019) é a Fazenda Água Negra, localizada no sertão da Bahia próxima aos rios Santo Antônio e Utinga, como aponta Belonísia: “Durante muitos anos, a fazenda foi uma bênção de água e fartura no sertão” (Vieira Junior, 2019, p.179). Ela (Belonísia) ainda indica em sua narração o período de existência desse espaço, “Sabíamos que

a fazenda existia, pelo menos, desde a chegada de Damião, o pioneiro dos trabalhadores, durante a seca de 1932 (Vieira Junior, 2019, p.176). Desse modo, é possível assumir que os anos ao qual ela se refere a dizer que a fazenda é uma benção são por meados do século XX.

Bibiana, por ser a narradora da primeira parte, apresenta ao leitor o local e o seu funcionamento, bem como as demais pessoas que o habitam. É através dela que se passa a conhecer os personagens que estarão presentes na narrativa. Ela introduz sua família imediata, pais, irmãos e avó, além de outros moradores da fazenda que também integram seu círculo social. Ademais, é pela sua narração que se tem um entendimento do modo como esse ambiente opera: através do trabalho desses moradores que em troca recebem apenas o direito de residir naquele espaço. Esse ponto será expandido mais à frente.

O romance se concentra nas histórias das famílias que viviam na fazenda e que eram as responsáveis por manter a fazenda em pleno funcionamento. Bibiana, Belonísia e os demais familiares fazem parte desse grupo. Além disso, seus pais faziam parte do conjunto de moradores mais antigos do local, ou seja, residiam naquele local a bastante tempo. Zeca Chapéu Grande e Salustiana, pais das irmãs, já eram trabalhadores dessa fazenda quando elas e os irmãos nasceram, como Bibiana aponta ao discursar, na terceira parte do romance, sobre os moradores do local e o trabalho que exercem ali:

Muitos de nós, a maioria, posso dizer, nasceu nesta terra. Nasceu aqui, nesta terra que não tinha nada, só o nosso trabalho. Isto tudo aqui só existe porque trabalhamos essa terra. Eu nasci aqui. Meus irmãos nasceram aqui. Crispina, Crispiniana e a família também. E os que não nasceram, já estão a maior parte de suas vidas em Água Negra (Vieira Junior, 2019, p.219).

O fato de terem nascido e crescido no local explica os sentimentos de pertencimento e posse da terra que, não só as irmãs protagonistas, mas toda a comunidade vivencia. Além disso, ajuda a explicar os posicionamentos que são assumidos pelas irmãs e pela comunidade de Água Negra no futuro para defender o direito à terra no local.

Ainda sobre sentimento de pertencimento manifesto na narrativa, Belonísia conta sobre como se deu o nascimento do pai:

Meu pai havia nascido quase trinta anos após declararem os negros escravos livres, mas ainda cativo dos descendentes dos senhores de seus

avós. Minha avó, Donana, havia dado à luz ao filho José Alcino em meio a uma plantação de cana na Fazenda Caxangá. Ele nasceu no meio de um charco, porque não haviam permitido que sua mãe deixasse de trabalhar naquele dia (Vieira Junior, 2019, p.164)

Os eventos da narrativa ocorrem anos depois da abolição da escravidão. Todavia, embora negros e negras não fossem mais escravos, continuavam cativos trabalhando nas plantações das grandes fazendas. Essa situação se deu, pois, os afrodescendentes, depois da abolição, não receberam nenhuma assistência necessária do governo para se restabelecer nesse período. “O Estado cortou o cordão umbilical da escravidão, mas não proveu nada a mais: uma vez emancipados, os libertos e seus filhos não seriam marcados nem assistidos por qualquer *status* legal especial” (Fischer et al, 2018, p.177). Depois de libertos, negros e negras foram deixados para se auto estabelecer sozinhos, depois de anos de exploração por parte da elite. Além disso, “[...] o que mais se via eram tentativas cada vez mais incisivas de adaptar à sociedade pós-abolição as hierarquias raciais montadas durante a escravidão” (Albuquerque e Fraga Filho, 2006, p.205). Em outras palavras, existiam políticas para a manutenção da desigualdade baseada na raça, o que dificultava que afrodescendentes alcançassem outras posições dentro da sociedade brasileira da época.

Para complementar a ideia discutida acima, o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes (2008) explica que, quando foi declarada a abolição da escravidão no Brasil, os afrodescendentes que haviam sido escravizados foram deixados de lado pelo Estado e pela sociedade, colocando sobre seus ombros a responsabilidade de se autocapacitar para o novo sistema. Desse modo, “os ex-escravos tinham de optar, na quase totalidade, entre a reabsorção no sistema de produção, em condições substancialmente análogas às anteriores, e a degradação de sua condição econômica” (Fernandes, 2008, p.31-32). Isso explica por que negros e negras ainda continuaram a trabalhar nas plantações em situações precárias e ajuda a entender o contexto em que se encontram as personagens do romance: ainda trabalhando em plantações com condições análogas a de seus antepassados. Essas circunstâncias degradantes de trabalho são abordadas por Bibiana quando ela discursa ao povo da fazenda depois do assassinato do primo e marido Severo, na terceira parte do romance. Ela diz que:

Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a

trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade (Vieira Junior, 2019, p.220).

Neste trecho, a personagem reflexiona sobre a ausência de medidas que pudessem criar um cenário em que as pessoas que haviam deixado de ser escravas pudessem realmente modificar as relações de exploração anteriores. Ademais, existia uma forte ideologia de branqueamento por parte das elites brancas no Brasil pós-abolição. Assim, houveram investimentos para a imigração de trabalhadores europeus. Esses imigrantes brancos teriam a função de “civilizar os costumes e embranquecer as peles, remediando, na lógica da época, os danos de séculos de escravidão de africanos” (Albuquerque e Fraga Filho, 2006, p.206). Desse modo, a elite branca da época minava o espaço para a inserção de pessoas afrodescendentes e racializadas na sociedade. Uma vez que as oportunidades de trabalho iam diretamente para imigrantes europeus brancos.

A narrativa se passa em um ambiente rural agrícola, que não conta com a interferência de tecnologias básicas como a luz. Isso significa dizer que os trabalhadores mantinham o funcionamento da fazenda por meio da própria força física, arando, plantando e cuidando da terra, bem como dos animais. Bibiana, ao descrever como ela e Belonísia brincavam quando eram crianças, explica, a grosso modo, como o trabalho funcionava. Ela diz que elas (Bibiana e Belonísia) andavam coletando objetos “para fazer nosso jirau e nossos instrumentos de trabalho para arar nossas roças de brinquedo, para repetir os gestos que nossos pais e nossos ancestrais nos haviam legado” (Vieira Junior, 2019, p.23). Tendo em vista que as irmãs são mulheres afrodescendentes, pode-se entender que esses ancestrais mencionados por Belonísia seriam seus antepassados escravizados que realizavam esse mesmo trabalho com a roça.

Com o auxílio de instrumentos, os trabalhadores da fazenda preparavam a roça manualmente para plantar e colher. Belonísia ao descrever como o pai realizava o preparo da terra explica o uso do arado, um dos instrumentos mais utilizados na roça. Ela diz, “Me deleitava vendo meu pai conduzindo o arado velho da fazenda carregado pelo boi, rasgando a terra para depois lançar grãos de arroz em torrões marrons e vermelhos revolvidos” (Vieira Junior, 2019, p.127). Ademais, as crianças da fazenda sabiam qual era o trabalho dos adultos, como ele era feito e como viriam a exercer essa mesma função no futuro. Esses personagens, negros e

negras descendentes das pessoas escravizadas, trabalhavam nas roças dos proprietários em troca de residir na fazenda, porém, essa residência deles era acompanhada de exigências, como nos conta Bibiana no trecho a seguir:

Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada (Vieira Junior, 2019, p.41).

Embora, eles tivessem “direito” à moradia dentro da fazenda, essa moradia não poderia ser permanente e, apesar de poderem plantar seus alimentos, essa plantação não poderia interferir em seu trabalho “principal”. Fica claro que as pessoas da fazenda se encontram em uma situação de exploração e subalternização, uma vez que sua permanência na fazenda e, consequentemente, seu sustento dependiam de demandas injustas feitas pelos proprietários do local.

Para Spivak (2014), subalterno se refere aos grupos marginalizados socialmente que acabam sendo silenciados pelas narrativas impostas pelos grupos dominantes. Assim, as personagens do romance, tendo em vista as explorações sofridas bem como o silenciamento a que são submetidos, podem ser considerados subalternos. Essa situação pode ser entendida quando observada a reação de Zeca Chapéu Grande ao ter a terça parte dos alimentos de seu quintal demandada durante um período de grande seca. Bibiana relata a cena ao final da primeira parte, “Vi minha mãe se movimentar, seus olhos se injetaram indignados, mas se deteve ao perceber meu pai se sentindo incapaz de questionar e reclamar sobre qualquer coisa” (Vieira Junior, 2019, p.86). Embora a situação fosse injusta, Zeca, e consequentemente todos ao seu redor, são levados ao silêncio por conta de “sua lealdade pela morada que havia recebido no passado, quando vagava por terra e trabalho” (Vieira Junior, 2019, p.86). Esse sentimento ligado ao medo de ser despejado submete essas personagens a esse silenciamento, impedindo-as de se opor às injustiças às quais eram submetidas.

Essa condição de subalternidade desses personagens no romance também é trabalhada no artigo “Subalternidade racial em Torto Arado: do silêncio à resistência” escrito por Ana Emília de Lima Ferreira e Thallys Eduardo Nunes de Araújo Oliveira (2021). Nesse artigo, os autores trabalham a conquista de consciência por parte das personagens devido à sua condição de subalternidade. Para os autores,

em um primeiro momento, as ações narradas evidenciam a predominância de um comportamento submisso; em um segundo, as ações sinalizam personagens conscientes da própria condição, que passaram a se comportar como agentes de mudança de suas realidades (Ferreira e Oliveira, 2021, p.13)

Em outras palavras, os autores acreditam que, embora no começo da narrativa os personagens se encontrem em uma relação de submissão, eles passam a ser conscientes de sua realidade e a buscar, eles próprios, pela mudança dessas condições. O estudo ainda aponta que esse deslocamento, essa tomada de consciência, pode ser caracterizada como a procura pela voz que foi negada ao povo negro. Isso significa dizer que, os autores acreditam que ao se tornarem conscientes da sua situação como subalternos, os personagens passam a agir contra o silenciamento imposto aos afrodescendentes ao longo da história.

Considerando o contexto em que as personagens estão inseridas, trabalhando em condições análogas à escravidão, sem receber remuneração por seu trabalho e sem oportunidades de quebrar esse ciclo de exploração, o medo constante de serem mandados embora da terra era o que os mantinha sob constante dominação e os tornava passíveis de aceitar esse mínimo que lhes era dado. Ao descrever o período de grande seca que acometeu a fazenda, Bibiana explica o sentimento de sua família “Com a seca, veio o medo de que nos mandassem embora por falta de trabalho. Depois veio o medo mais imediato da fome” (Vieira Junior, 2019, p.67). Esse trecho exemplifica como o esse temor de serem expulsos do local vem antes até do medo da fome. Assim, uma vez que esse sentimento era sua primeira reação, é possível entender como estavam vulneráveis a serem explorados em troca de não perderem sua moradia. Dada essas circunstâncias, a mobilidade social desses personagens, a possibilidade de saírem dessa situação, se tornava praticamente impossível. Levando em consideração que ao capitalismo auxilia na manutenção das relações de dominação e opera como agente da segregação social e hierarquização social (Foucault, 1999), pode-se dizer que o mesmo ocorre dentro do ambiente ficcional da fazenda Água Negra, uma vez que os moradores se encontram presos a seus papéis dentro da fazenda.

Bibiana, ao falar sobre como o primo Severo tinha aberto seus olhos à possibilidade de uma vida fora da fazenda, diz: “Achava que ali havia nascido e que ali morreria, como acontecia à maioria das pessoas” (Vieira Junior, 2019, p.73). Esse

trecho ilustra o pensamento de Bibiana de que não existia perspectiva de uma vida fora daquela que se conhecia. Desse modo, é possível entender que a maior parte, senão todos, as personagens do romance acreditavam que a única opção que tinham era continuar seu trabalho em troca de moradia na fazenda. Assim, tendo em vista esse sentimento compartilhado por Bibiana, pode-se inferir que as personagens se encontravam presas sobre essa hierarquização social. Confinadas às suas posições subalternas, elas continuavam trabalhando para o lucro dos proprietários da fazenda, mas sem esperanças de um dia se tornarem donos deste local e do que produziam.

Essa impossibilidade de mobilidade social também pode ser vista na tentativa de Bibiana e Severo de conseguir melhores oportunidades fora da fazenda. Assim que se descobre grávida, Bibiana deixa a fazenda ao lado de Severo, mas os dois acabam retornando um tempo depois. Santa Rita Pescadeira, falando dos pensamentos de Bibiana, descreve os trabalhos exercidos por ela além da fazenda e conclui dizendo que: “Nessa jornada percebeu que a vida além da Água Negra não era muito diferente, no que se referia à exploração” (Vieira Junior, 2019, p.214). A partir desse trecho, é possível entender que, por causa desse contexto que estão inseridos, uma sociedade ficcional revestida de valores e hábitos escravocratas, nem fora da fazenda, a mobilidade social se torna possível.

Segundo Mbembe (2018), o racismo faz com que a prática do biopoder aconteça, uma vez que “a raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros - ou a dominação a ser exercida sobre eles” (Mbembe, 2018, p.18). O filósofo entende o biopoder, a partir do pensamento de Foucault (1999), como “[...] aquele domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu o controle” (Mbembe, 2018, p.6). Isso significa dizer que esse poder busca regulamentar e moldar diversos âmbitos da vida, como por exemplo corpos, cultura e política. No entanto, para o filósofo, esse poder possui uma conotação negativa, uma vez que ele é usado para determinar quem pode viver e quem pode morrer. Ao se atrelar essa perspectiva de biopoder com o racismo, é possível entender como ele auxilia essa prática.

Ao se trazer essas noções para o contexto da narrativa significa dizer que, por serem negros e negras, a raça dos personagens do romance contribui para que sejam mantidos nessa relação de hierarquização e desigualdade social, sem esperanças de mobilidade social. Esse ponto também está atrelado ao tempo histórico em que as personagens se encontram, ainda vivendo os resquícios da escravidão em uma sociedade que não integrou essas pessoas ao projeto de nação e que perpetuava uma ideal de branqueamento no país composto em sua maioria por afrodescendentes. Para os professores Wlamyra Albuquerque e Walter Fraga Filho (2006) em seu estudo sobre a história do negro no Brasil,

O ideal de embranquecimento continuou a fazer parte explícita dos projetos do governo brasileiro até a década de 1930. Com isso foi se estabelecendo no Brasil a idéia de raça como critério fundamental e perverso de classificação social, fazendo das características físicas e culturais das pessoas justificativas para a desigualdade (Albuquerque e Fraga Filho, 2006, p.208).

Em outras palavras, a desigualdade social na sociedade brasileira da época afetava justamente os afrodescendentes que sofriam com o peso desse ideal e não conseguiam se inserir dignamente no corpo social do período. Assim, é possível entender que os personagens do romance, precisamente por serem negros e pelas condições em que viviam, continuavam a serem explorados de forma análoga a seus ancestrais escravizados. Essa afirmação pode ser observada no relato de Santa Rita Pescadeira sobre suas vivências como entidade após a abolição da escravidão:

Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar fingindo que nada mudou porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo. Como eram bons, por permitirem que plantassem seu próprio arroz e feijão, o quiabo e a abóbora. A batata-doce do café da manhã (Vieira Junior, 2019, p.204).

Ademais, os personagens que tentavam se opor a essa realidade acabavam sendo contidos, como é o caso de Severo. Ao tomar a frente do movimento de luta pelos direitos dos trabalhadores da Fazenda Água Negra e levantar a voz para exigir mudanças aos donos do local, ele é assassinado. Santa Rita Pescadeira reflete sobre a morte dele dizendo “Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa” (Vieira Junior, 2019, p.207).

Como mencionado anteriormente, seu trabalho nas roças da fazenda era exclusivamente em troca de moradia e a “oportunidade” de plantar o próprio alimento. A Fazenda Água Negra se configura em uma espécie de *plantation* moderna, uma vez que esse espaço também era baseado na produção latifundiária com mão de obra “escravizada”. Tratando do contexto da *plantation*, Mbembe (2018) afirma que o escravo tinha sua humanidade apagada, passando a ser visto apenas como um objeto. Ele diz que:

Em primeiro lugar, no contexto da *plantation*, a humanidade do escravo aparece como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que é expulsão fora da humanidade) (Mbembe, 2018 p. 27).

Assim, utilizando as ideias do filósofo como base, é possível traçar uma comparação com as experiências vividas pelos trabalhadores da Fazenda Água Negra. Primeiramente, de acordo com Mbembe (2018) a condição do escravo faz com que ocorra uma perda de “lar”. No cenário do romance, pode-se dizer que os trabalhadores não possuíam um lar dentro do espaço da fazenda. Por mais que morassem ali, não possuíam nenhum direito sobre aquela terra. Isso fica claro no trecho em que Bibiana fala sobre sair da fazenda em busca de melhores oportunidades de vida, ela afirma “Aquela fazenda sempre teria donos e nós éramos meros trabalhadores, sem qualquer direito sobre ela” (Vieira Junior, 2019, p.79). Os trabalhadores poderiam ser mandados embora a qualquer momento, ficando sem um local onde morar e viver, sendo assim, não possuíam um “lar”.

Ainda de acordo com Mbembe (2018), há a perda de direitos sobre o seu corpo. Embora não existissem castigos físicos por parte dos donos da fazenda no contexto da narrativa, os moradores e trabalhadores da fazenda não podiam simplesmente ir e vir ou fazer o que desejassem. Eles estavam presos naquele espaço e deveriam seguir as duras regras impostas, inclusive trabalhar de domingo a domingo, sem qualquer direito a descanso. Belonísia, ao comentar sobre a velhice do pai, diz: “Meu pai estava envelhecendo, se encurvando com o tempo, os cabelos ficando brancos de forma lenta, mas ainda trabalhava de domingo a domingo” (Vieira Junior, 2019, p.154). Portanto, é possível afirmar que os trabalhadores da fazenda no romance, no âmbito de seu trabalho naquele local, acabavam por não possuir direitos sobre seus corpos, nem sobre suas vontades.

Finalmente, tem-se a perda de estatuto político, dos direitos políticos, que podem ser entendidos como direito à uma moradia digna, ao voto, à educação, à liberdade de expressão, entre outros que não faziam parte da realidade dos personagens do romance. Uma vez que os trabalhadores da fazenda não podiam sair do espaço da fazenda como bem entendessem, não tinham acesso à educação de qualidade ou a notícias, é plausível afirmar que eles não conheciam esses direitos. A noção de que existiam leis e direitos que poderiam os proteger só vem a ser forte entre os trabalhadores depois da volta de Bibiana e Severo à fazenda, depois que eles entram em contato com essas ideias fora do espaço da fazenda.

Em um trecho em que Belonísia fala sobre o irmão andar com o Severo e conversar sobre esses assuntos com o pai, ela diz: “Meu pai não falou o nome de Severo, mas sabia que ele andava de conversa com o povo da fazenda contando história de sindicato, de direitos, de lei” (Vieira Junior, 2019, p.186). É a partir da volta deles que se passa a discutir os direitos dos trabalhadores da fazenda e também a lutar para que eles sejam exercidos. É importante ter em mente que, embora essas ideias sejam trazidas com a volta de Bibiana e Severo, é ele que lidera o movimento e frequenta o sindicato. Apesar dela auxiliá-lo, seu papel como mulher dentro desse contexto patriarcal e colonial é outro, que será melhor explorado mais à frente.

Desse modo, observa-se que os trabalhadores da Fazenda Água Negra sofrem a tripla perda a que se refere Mbembe (2018), conformando o estado de dominação que se encontram. De acordo com Mbembe (2018), “essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta”, sensação presente em toda a narrativa, principalmente entre personagens mais velhos, os trabalhadores e trabalhadoras mais antigos, que acreditavam possuir uma “dívida” de gratidão com os donos da fazenda. Zeca Chapéu Grande, pai das irmãs, é um desses personagens. Em um dos trechos narrados por Belonísia, ela fala sobre essa “dívida” que o pai acreditava ter: “Zeca nos fez saber, em muitas oportunidades, que falar mal de quem havia nos acolhido e permitido que morássemos e dali vivêssemos era ingratidão” (Vieira Junior, 2019, p.131). A partir desse trecho, é possível afirmar que essas personagens se sentiam culpados em não aceitar as demandas injustas que lhes eram impostas. Esse fato se dá porque eles, principalmente os mais velhos, não se sentiam dignos o suficiente para merecer outra coisa.

Se nos deslocamos para as personagens femininas negras da narrativa, é certo que elas se encontram ainda mais marginalizadas dentro dessa dinâmica de dominação e hierarquia social. De acordo com a historiadora brasileira Beatriz Nascimento (2021), o patriarcado reveste a estrutura da sociedade colonial, atuando de forma intensa sobre a mulher. Isso se dá pois:

Da maneira como estava estruturada essa sociedade na época colonial, ela surge como extremamente hierarquizada, podendo-se conceituar como de castas, na qual os diversos grupos desempenham papéis rigidamente diferenciados (Nascimento, 2021, posição 51).

Em outras palavras, a sociedade colonial tem como característica uma hierarquização de funções acentuada, na qual cada um possui seu papel. Ao deter-se sobre a mulher negra em especial, Nascimento (2021) esclarece que, diferentemente da branca que tinha sua posição ligada ao ócio, a mulher negra escrava era considerada produtora, com um papel ativo. Suas funções envolviam trabalhar não somente na casa grande, como também no campo. Além disso, “tinha a função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão de obra interno” (Nascimento, 2021, posição 52). Ou seja, tinha o papel de gerar novos escravos.

Assim, pode-se dizer que as personagens femininas negras do romance, por se encontrarem em um contexto similar ao colonial, no qual ainda estão presas a uma exploração análoga à de seus antepassados, são ainda mais afetadas por esse patriarcado quando levado em consideração sua subalternidade e interseccionalidade. Por serem mulheres e negras nesse contexto, essas personagens são condicionadas a assumir, principalmente, funções domésticas. Elas eram as responsáveis por cuidar dos filhos, além de limpar e cuidar de suas casas e cozinhar. Essas circunstâncias são perceptíveis quando Bibiana e Belonísia sofrem o acidente com a faca. A recuperação delas fica sob responsabilidade inteiramente de Salu, que revezava com as vizinhas o cuidado com os outros filhos. Bibiana expõe a situação em um trecho da primeira parte:

Minha mãe se revezava com as vizinhas, que olhavam os filhos menores enquanto ela cozinhava papas, mingau de cachorro para ajudar na cicatrização, purês de inhame, batata-doce ou aipim. Nosso pai seguia para a roça ao nascer do dia (Vieira Junior, 2019, p.23).

Além disso, essas personagens também eram responsáveis pela roça de seus quintais, preparar a massa de buriti e o azeite de dendê e ir vender esses

produtos na feira da cidade. Ao relatar a conversa escutada de outras mulheres da fazenda, Bibiana explica como se dava essa venda e como não era possível comprar nada, a não ser com a venda desses produtos. Ela relata, “Nós é que não conseguíamos comprar nada, a não ser quando vendíamos a massa do buriti e o azeite de dendê, escapulindo dos limites da fazenda sem chamar a atenção” (Vieira Junior, 2019, p.45).

Belonísia, depois de sair da casa dos pais e ir morar com Tobias, também configura um exemplo desse papel doméstico designado a mulher. Ao chegar, encontra uma tapera completamente desorganizada e suja. Passada a reação inicial de espanto, ela tenta pensar positivo e que aquele lugar poderia lhe trazer gosto. Assim, ela diz: “Nada que uma mulher não possa dar jeito, assim haviam me ensinado, tanto em casa quanto nas aulas da professora, na casa de dona Firmina” (Vieira Junior, 2019, p.110). Tendo em vista essa fala de Belonísia, é possível afirmar que desde cedo as meninas já eram ensinadas as posições que teriam dentro de casa como mulheres, o que reforçava essa ideia do papel exclusivo das mulheres.

Ao se considerar esse local de subalternidade e o de interseccionalidade, uma vez que as personagens femininas negras do romance são atravessadas por questões de raça, gênero e também classe, pode-se afirmar que as experiências vividas por essas personagens são diferentes das dos personagens masculinos. Isso se dá, pois, essas personagens se encontram presas a papéis domésticos, ligados exclusivamente ao seu gênero, e, diferentemente das personagens masculinas, não conseguem alcançar funções de liderança dentro desse ambiente, como Zeca Chapéu Grande e Severo, e são designadas a serem apenas as companheiras desses homens. Bibiana ao falar sobre um dos partos que a mãe conduziu, descreve o momento em que a mãe entra na casa “Salu adentrou a casa com a altivez e a autoridade que emanava da sua posição de mulher do curador Zeca Chapéu Grande” (Vieira Junior, 2019, p.58). Nesse trecho, Salu, embora fosse a parteira, função fundamental para a comunidade, e apta a realizar seu trabalho, é reduzida a sua posição como mulher de Zeca.

Outro exemplo dessa situação em que a mulher passa a ser apenas a extensão do homem se dá quando Belonísia passa a morar com Tobias. Agora que não morava mais com o pai, “[...] todos agora sabiam que eu não era mais

«Belonísia de Zeca Chapéu Grande» e que agora vivia com Tobias, logo, eu era «Belonísia de Tobias» (Vieira Junior, 2019, p.116). Nesses casos, a mulher não é vista como uma pessoa com identidade própria, sua condição de vida está diretamente ligada à do homem que vive com ela. Quando não o pai, passa a ser o marido, mas não apenas ela.

Esse ponto corrobora com a fala de Spivak (2014) ao abordar a mulher negra em condição de subalternidade: “A questão da mulher parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (Spivak, 2014, p.110). Em outras palavras, a interseccionalidade das personagens femininas negras do romance é fator decisivo no modo como serão tratadas ao longo da narrativa. Esse fato pode ser exemplificado quando Bibiana, comentando sobre as diferenças entre ela e a irmã, conta que Belonísia tinha afinidade com a terra e gostava de ajudar o pai em suas tarefas, apesar de “Zeca sempre lembrasse que ela era mulher, e lhe negasse determinadas tarefas” (Vieira Junior, 2019, p.75). O fato de o pai negar a Belonísia determinadas tarefas apenas por ser mulher corrobora com a hipótese de que essas personagens são tratadas diferentemente e ainda que existe um “papel” determinado para as personagens femininas negras do romance. Esse “papel”, bem como o local que essas personagens acabam ocupando em vista da sua interseccionalidade, será abordado com mais profundidade na próxima seção.

2.2 Bibiana e Belonísia: a personagem mulher negra e o trabalho

A personagem feminina negra é figura essencial dentro do universo criado por Vieira Junior (2019). Dentro do espaço fictício da Fazenda Água Negra essa personagem é a responsável por diferentes tipos de trabalho que contribuem para a manutenção e funcionamento desse ambiente. Primariamente, elas são responsáveis por manter as suas casas e cuidar das crianças. Além disso, também eram encarregadas de manter a roça de seus quintais, cozinhar o azeite e ir até a feira e vendê-lo, bem como organizar os rituais religiosos de jarê. Donana, avó das irmãs, em especial, tinha o trabalho de parteira e auxiliava as outras mulheres da fazenda a dar à luz. Depois de sua morte, esse trabalho vem a ser exercido por Salu, mãe das irmãs.

Desde que eram mais novas, Bibiana e Belonísia possuem visões diferentes dos trabalhos que desejam exercer no futuro. Bibiana, irmã mais velha de quatro irmãos, especialmente depois de se envolver com o primo Severo, passa a sonhar com uma vida além do trabalho na roça. Ela quer se tornar professora e buscar uma vida melhor não só para ela, mas também para seus pais e irmãos. Ao deixar a fazenda com Severo, o plano é retornar para buscar a família, como ilustrado no seguinte trecho “Se desse tudo certo, voltaríamos para dar melhores condições de vida aos nossos pais e irmãos. Voltaríamos para retirá-los de lá” (Vieira Junior, 2019, p.79). Embora Bibiana estivesse hesitante em deixar a fazenda e sua família para trás, ela tem consciência da exploração exercida sobre os trabalhadores daquele espaço e sente vontade de mudar essa realidade, ao menos para si e sua família, como exemplificado no trecho a seguir:

Não queria também viver o resto da vida ali, ter a vida de meus pais. Se algo acontecesse a eles, não teríamos direito à casa, nem mesmo à terra onde plantavam sua roça. Não teríamos direito a nada, sairíamos da fazenda carregando nossos poucos pertences. Se não pudéssemos trabalhar, seríamos convidados a deixar Água Negra, terra onde toda uma geração de filhos de trabalhadores havia nascido. Aquele sistema de exploração já estava claro para mim (Vieira Junior, 2019, p.83).

Essa passagem ilustra a vontade de Bibiana em ter uma vida diferente daquela que seus pais levavam. Além disso, mostra como estava ciente das relações de subordinação e exploração que os trabalhadores do local estavam submetidos, na qual não tinham direito ao mínimo como uma casa digna e à terra. Essa é talvez a principal razão que leva Bibiana a deixar a fazenda. Ela imagina que fora dali ela conseguirá uma vida e oportunidades melhores. Entretanto, a vida fora da fazenda não apresenta as grandes oportunidades como era esperado, Bibiana continua a trabalhar em trabalhos manuais e com remuneração baixa, como apresentado no trecho a seguir, retirado da terceira parte do livro:

Das tarefas que precisou fazer enquanto procuravam se firmar no mundo além da fazenda: ajudante de cozinha num restaurante de beira de estrada, diarista de serviços domésticos, cuidando de crianças. Durante esse tempo, nasceram seus filhos e cursou o magistério, realizando em parte os propósitos que a fizeram deixar a fazenda por um tempo. Nessa jornada percebeu que a vida além da Água Negra não era muito diferente, no que se referia à exploração (Vieira Junior, 2019, p.214).

O trecho acima corrobora a ideia de Gonzalez (2020) de que o racismo contribui para o estabelecimento de uma divisão racial do trabalho e também para a manutenção da estratificação social. Para a autora, o racismo “é um dos critérios de

maior importância na articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema da estratificação social” (Gonzalez, 2020, p.35). Essas circunstâncias são consequências das políticas de exclusão das populações negras do mercado de trabalho, principalmente no contexto do pós-abolição, uma vez que houve incentivos para a imigração de europeus brancos que ocuparam os postos de trabalho disponíveis. Assim, “os trabalhadores afrodescendentes, especialmente as mulheres, estavam desproporcionalmente concentrados em setores excluídos da cidadania econômica” (Fischer et al, 2018, p.186).

Em outras palavras, pode-se entender que o racismo é uma das ferramentas que mantém a hierarquia de classes, sem a possibilidade de mobilidade social. Santa Rita Pescadeira ao relatar seu caminho percorrido entre o povo como entidade, diz: “Me embrenhei entre o povo que os donos da terra chamavam de trabalhador, e morador. Era o mesmo povo que me carregou nas costas quando eram escravos das minas, das lavouras de cana, ou apenas os escravos de Nosso Senhor Bom Jesus” (Vieira Junior, 2019, p.205). Esse trecho ilustra como a população negra do romance foi mantida nas mesmas condições de trabalho desde a época da escravidão. Ao alinhar esse relato com as perspectivas trazidas no trecho acima, entende-se que a raça desses personagens é dos fatores que contribui para que eles ainda se encontrem em trabalhos similares ao de seus ancestrais escravizados.

Ademais, ao se trazer o foco para as personagens femininas negras do romance, especialmente Bibiana nesse caso, pode-se entender que seu gênero e raça a mantém na base da hierarquia social mesmo fora da fazenda. Nascimento (2021) explica que “A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, desse modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão” (Nascimento, 2021, posição 53). Em outras palavras, para a mulher negra a mobilidade social foi mínima e ela segue nas mesmas funções que suas ancestrais escravizadas. Bento (2022), ao apresentar dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019) que apontam maioria negra no trabalho doméstico, complementa que:

Trata-se de uma invariável desde o período da escravidão, revelando permanência nas mesmas atividades realizadas na cozinha da casa-grande,

e muitas vezes recebendo tratamento similar ao que suas ancestrais receberam (Bento, 2022, p.81).

Ao aplicar-se essas concepções aos trabalhos exercidos por Bibiana fora da fazenda, é possível entender como sua raça e gênero contribuíram para a manutenção de sua posição social. Embora tenha saído da fazenda em busca de condições melhores, ela continuou exercendo atribuições similares às das outras personagens que continuaram na fazenda.

Belonísia, por outro lado, parece expressar satisfação com o trabalho manual rural que exerce e com sua vida na fazenda. É nesse ponto que ela se difere um pouco da irmã, como mostrado neste trecho da segunda parte do livro: “Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes” (Vieira Junior, 2019, p.97). Enquanto Bibiana sentia apreço pelos livros, Belonísia sentia pelo trabalho manual da roça. Desse modo, Belonísia passa a maior parte da narrativa dentro do espaço da Fazenda Água Negra, salvo quando criança e teve de ir ao hospital em razão do acidente. Assim, é nítido em sua parte como narradora que ela deseja continuar com o trabalho que os pais exerciam na roça e que sente orgulho disso, como exemplificado no trecho a seguir, no qual ela fala sobre o que sente ao trabalhar na roça, ela diz: “Trabalhar a terra tinha desses sentimentos bons de amansar o peito, de serenar os pensamentos ruins que me cercavam” (Vieira Junior, 2019, p.121). A partir desse trecho é possível entender a relação que Belonísia tem com a terra e sua posição diante do trabalho manual que exerce. Ao se dizer diferente de Bibiana, Belonísia afirma gostar de seu papel como mulher dentro da fazenda. Contudo, pelo contexto patriarcal e racista no qual está inserida, entende-se que esse cenário a induz a ficar presa em papéis que são infligidos a ela por ser mulher e negra.

No entanto, embora Belonísia goste do trabalho que exerce na fazenda e sinta orgulho dele, ela também entende a condição de exploração que os trabalhadores da fazenda e, portanto, ela mesma se encontra, como ilustrado no trecho a seguir no qual ela reflete sobre perder a coragem de tentar falar sem a língua perdida na infância:

Se esvaía toda a coragem de que tentei me investir para viver naquela terra hostil de sol perene e chuva eventual, de maus tratos, onde gente morria sem assistência, onde vivíamos como gado, trabalhando sem ter nada em

troca, nem mesmo o descanso, e as únicas coisas a que tínhamos direito era morar até quando os senhores quisessem e a cova que nos esperava fosse cavada na Viração, caso não deixássemos Água Negra (Vieira Junior, 2019, p.127-128).

Esse fragmento exemplifica que, apesar de desfrutar do trabalho manual que exercia na roça, Belonísia também possui consciência das relações de exploração que ocorriam dentro do espaço em que vivia a partir da sua descrição das condições de vida às quais os trabalhadores eram submetidos. Ela aponta principalmente que “vivíamos como gado, trabalhando sem ter nada em troca, nem mesmo o descanso” (Vieira Junior, 2019, p.128), esse trecho ilustra que Belonísia tinha ciência dos termos dessa relação injusta e exploratória que ocorria no ambiente em que vivia.

Em suma, para Bibiana, mulher, negra, descendente de pessoas escravizadas, o trabalho “intelectual”, em oposição ao trabalho manual da roça, parecia ser um meio de ascender socialmente e, conseqüentemente, quebrar o ciclo de subordinação e exploração ao qual ela e a família estão submetidos. Quando criança, assim como a maior parte das crianças em Água Negra, ela imagina que seguirá os mesmos passos dos pais: trabalhar e morar na fazenda. Porém, ao amadurecer e, principalmente, depois do contato com Severo e seus ideais, ela passa a enxergar nos estudos e no trabalho como professora, uma saída dessa vida de exploração, não somente para ela, mas também para a família. É necessário, no entanto, evidenciar aqui a questão de gênero, dado que Bibiana é representada de maneira em que está, na maioria das vezes, subordinada aos desejos e vontades de Severo. Embora seja narradora de sua própria história e tenha seus desejos e vontades, esses elementos aparecem principalmente pela influência desse homem. Ao falar sobre sair da fazenda e os planos que Severo tinha para eles, ela diz “Mas gostava tanto de Severo, ele havia iluminado meu horizonte com a possibilidade de uma vida além da fazenda. Era difícil não me deixar seduzir pelos seus planos e entusiasmo” (Vieira Junior, 2019, p.79). Nesse trecho, é possível entender a influência que Severo possui sobre ela.

Por outro lado, Belonísia não sente vontade de deixar seu trabalho manual na roça. Por fazer parte desse espaço onde o patriarcado e o racismo configuram sua organização, ela está sujeita a uma “alienação” que a torna passível de aceitar o trabalho imposto a ela por ser mulher e negra. Entretanto, ela ainda sim possui essa consciência em relação à situação de exploração a que os trabalhadores no local

onde mora estão submetidos. No fim, quando retorna de vez para a fazenda, Bibiana, formada professora, passa a dar aulas na escola, enquanto Belonísia, continua a lidar com o trabalho manual da roça.

Apesar das irmãs possuírem visões diferentes em relação ao trabalho que pretendem exercer, a personagem feminina negra do romance *Torto Arado* (2019), em virtude da sua posição como mulher negra, é colocada em um local específico, diferente das personagens masculinas. Pode-se, então, dizer que é-lhe imposto um determinado “papel” dentro do espaço da Fazenda Água Negra. Na narrativa, embora também sejam trabalhadoras da fazenda em situação similar a escravidão, as personagens femininas negras são colocadas em outras funções, ligadas exclusivamente ao seu gênero. De um modo geral, a personagem feminina negra era a responsável pelas obrigações domésticas, mas principalmente por gerar aqueles que seriam os futuros trabalhadores. Alguns exemplos dessas tarefas exercidas pelas personagens femininas do romance podem ser encontrados durante a narrativa. Salu, por exemplo, é quem cuida da casa e das crianças primariamente enquanto Zeca, seu marido, trabalha na lavoura. O mesmo acontece com Belonísia, depois de juntar a Tobias, enquanto ele saía para realizar seu trabalho como vaqueiro, ela passava o dia cuidando da casa e da roça do quintal, além de cozinhar para que ele pudesse comer quando chegasse.

Essa “tarefa” de gerar os futuros trabalhadores pode ser entendida através de um dos trechos narrados por Belonísia. Após comentar sobre a aparência envelhecida da irmã Bibiana depois de meses sem vê-la, ela diz, “Mas isso nada significava para nós mulheres da roça. Éramos preparadas desde cedo para gerar novos trabalhadores para os senhores, fosse para as nossas terras de morada ou qualquer outro lugar onde precisassem” (Vieira Junior, 2019, p.129). A partir desse trecho, é possível inferir que a raça e o gênero dessas personagens as coloca, nesse caso, em uma posição muito específica. Por serem mulheres, sua “função” é gerar novas vidas e, por serem negras, essas vidas geradas por elas serviam para a manutenção do sistema exploratório ao qual os trabalhadores da fazenda estavam submetidos. Levando em consideração que essa fazenda possui semelhanças com as fazendas em contexto colonial, uma vez que nessas fazendas com mão-de-obra “escravizada” se produziam mercadorias que seriam vendidas gerando lucro para o proprietário das terras, o que é similar a situação na Fazenda Água Negra, essas

personagens femininas negras possuíam a importante “tarefa” de manter esse sistema em funcionamento gerando mais e mais trabalhadores não só para a fazenda Água Negra, mas também para outras fazendas não mencionadas na narrativa.

Durante o período da escravidão, as mulheres escravizadas que trabalhavam nas roças e nas casas grandes, também tinham o “papel” de gerar a nova mão de obra. De acordo com Nascimento (2021), a mulher negra “além de sua capacidade produtiva, pela sua condição de mulher e, portanto, de mãe em potencial de novos escravos” (Nascimento, 2021, posição 52), ou seja, a mulher negra tinha a função, forçada, de manter o sistema escravocrata competindo, diretamente, com o tráfico negreiro (Nascimento, 2021). Além disso, a historiadora complementa que “[...] essa “capacidade reprodutiva” da mulher negra, que a reveste de uma tradição como elemento produtor nesse período da história do Brasil, sendo, juntamente com o seu correspondente masculino, o suporte para a instituição escravocrata” (Nascimento, 2021, posição 52). Em outras palavras, por ter a capacidade de gerar novas vidas, a mulher negra foi obrigada a ser parte da sustentação desse sistema, o que gerou maior dominação senhorial sobre ela (Nascimento, 2021), uma vez que os senhores de escravos poderiam lucrar com as vidas geradas por elas. Ao trazer-se as concepções de Nascimento (2021) para o contexto da narrativa, pode-se dizer que as personagens femininas negras do romance, em virtude de intersecção de sua raça, gênero e classe, também eram exploradas dessa maneira.

Tendo em vista esse “papel” delegado às personagens femininas negras do romance, pode-se entender que ele acabará gerando consequências que serão exclusivas a essas personagens. Em outro trecho narrado por Belonísia, é possível identificar algumas dessas consequências. Ao falar sobre a aparência da vizinha Maria Cabocla e terminar por considerá-la “maltratada”, Belonísia diz:

Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, uma atrás da outra, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas (Vieira Junior, 2019, p.119).

Esse trecho ilustra o efeito que esse “papel” de gerar os novos trabalhadores imposto a essas personagens causava em sua aparência. Além disso, também aponta que essa condição era exigida desde cedo (“pelas crianças que paríamos muito cedo”). Não somente elas eram “maltratadas” pelo sol e pela seca na sua

função de trabalhadoras da fazenda, o que as deixava com uma aparência mais envelhecida, mas também tinham seus corpos modificados pela sua função de gerar novas vidas para aquele ambiente.

Pode-se dizer que esse “papel” dado às personagens femininas do romance tem suas raízes nas relações de gênero que aparecem na narrativa na forma de relações de poder e de violência. Essas relações colocam essas personagens na base da hierarquia social da Fazenda Água Negra, o que as deixa vulneráveis a exploração. Assim, elas se veem presas a esse ciclo de gerar novos trabalhadores que acabariam sendo explorados do mesmo modo que elas próprias. Bibiana, ao explicar as exigências feitas pelos donos da fazenda para a morada, esclarece, de certo modo, esse papel tanto da mulher quantos dos filhos que ela vem a gerar. Ela diz que “Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos” (Vieira Junior, 2019, p.41). É possível entender então que eram permitidos mulher e filhos por uma razão específica. Mulher, pois ela era a responsável por gerar e criar essas crianças e filhos, pois esses seriam os futuros trabalhadores daquele local.

Para cumprir o papel que lhe é designado nessa sociedade, é necessário então que a personagem feminina negra do romance se vincule a um homem. Por estarem inseridas dentro desse meio profundamente patriarcal, é possível entender que a hierarquia a qual estão submetidas contribui para que essas personagens se sintam obrigadas a se juntarem a homens, às vezes bem mais velhos que elas, e terem filhos. Um exemplo dessa necessidade em se juntar a um homem pode ser entendido através de Belonísia, quando ela aceita sair da casa dos pais para ir morar com Tobias, vaqueiro da fazenda e “um homem alto e magro, talvez com idade para ser meu pai” (Vieira Junior, 2019, p.101), que vem a ser seu marido, e acaba sofrendo abusos domésticos. Passado o período inicial, Tobias passa a tratar Belonísia como empregada, além de gritar e insultá-la. Ao enfrentar esses abusos, ela passa a perder sua identidade. A relação de abusos entre Belonísia e Tobias será melhor abordada no próximo capítulo.

Depois que a irmã deixa a fazenda com o primo e ela começa a ajudar a mãe nos partos das mulheres da fazenda, Belonísia diz sentir uma vontade de ser mãe, ela diz que “Quanto mais criança via nascer, mais sentia como se meu corpo

vibrasse, em movimento pedindo para parir” (Vieira Junior, 2019, p.105). Isso é um dos motivos que a fazem aceitar morar com esse homem mais velho, o ambiente em que vive a empurra a querer vivenciar esse modelo feminino do patriarcado que as outras personagens femininas, como a própria irmã, estão vivenciando e para isso existe a necessidade de se juntar a um homem.

Depois que conhece Tobias, ela passa a ter esse desejo ainda mais forte. A princípio, ela se sente incomodada e envergonhada com as atenções que ele dispensava a ela, mas logo depois passa a e até a sentir ciúmes das gentilezas dele com outras moças. O trecho, no qual estão todos em uma das noites de jarê celebradas na casa dos pais de Belonísia e Tobias conversa com outras moças, ilustra um pouco esse ciúme,

No começo senti indiferença, até gostava quando estava em prosas animadas com outras pessoas e seus olhos me deixavam quieta, ao lado de Domingas ou de minha mãe. Depois passei a me sentir inquieta e desconfiada, querendo talvez que dirigisse sua atenção a mim (Vieira Junior, 2019, p.102)

Belonísia nutria, mesmo que talvez não soubesse, a vontade de ser cortejada por Tobias. Como adolescente quase mulher, é entendível que ela sente o desejo de cortejada, além disso as mulheres ao seu redor estão também se juntando a homens e formando suas famílias. Quando a família recebe uma carta de Bibiana, descrevendo sua família: marido e filho, essa vontade de Belonísia é intensificada. Ela passa a almejar a vida descrita pela irmã na carta. Essa vida retratada por Bibiana pode ser entendida como um modelo de patriarcado que também é replicado dentro da fazenda. Assim, é possível compreender a razão de Belonísia também querer essa vida, uma vez que é tudo que ela conhece e que acontece ao seu redor. Tobias é quem entrega a carta e, ao vê-lo ir embora, ela comenta “Senti vontade de que Tobias voltasse naquele instante, quiçá amanhã ou depois, mas que não demorasse a fazer de mim sua mulher também” (Vieira Junior, 2019, p.104). Esses fragmentos são importantes para entendermos a razão pela qual ela aceita a proposta de ir morar com ele.

O vínculo formado inicialmente entre Belonísia e Tobias pode ser entendido por essa necessidade, criada pelo contexto patriarcal e racista que elas estão inseridas, que a personagem feminina negra presente nesse espaço sente de ter um homem em suas vidas. Essa necessidade se apresenta não apenas em Belonísia,

mas em outras personagens femininas negras do romance. Por exemplo Maria Cabocla, vizinha de Belonísia, que apesar de sofrer constante violência doméstica, continua ao lado do marido. A maioria das personagens femininas negras do romance tem um homem em suas vidas, do qual elas são dependentes. Essa necessidade, por sua vez, pode ser entendida como uma imposição, uma vez que no contexto colonial e na hierarquia presentes dentro da Fazenda Água Negra, o personagem masculino ocupa um lugar acima da personagem feminina negra, uma vez que essa personagem feminina se vê obrigada a atender as necessidades desse homem e a não esperar nada em troca disso.

No fragmento a seguir, Belonísia fala da reação de Tobias depois dela ter arrumado toda a sua tapera. Esse pensamento ilustra a relação de subordinação entre os personagens masculinos e as personagens femininas na narrativa. Ela diz: “Não agradeceu, era um homem, por que deveria agradecer, foi o que se passou em minha cabeça, [...]” (Vieira Junior, 2019, p.113). As personagens femininas eram condicionadas a atender as necessidades das personagens masculinas e a não esperar nem um agradecimento.

O artigo “A Resistência das Mulheres em Torto Arado de Itamar Vieira Junior” também aborda essa relação de imposição entre as personagens femininas e masculinas e como essas personagens buscam resistir a esse patriarcado. Para as autoras, em virtude do contexto patriarcal e racista presente na narrativa, as personagens femininas, negras e pobres sofrem com a violência de gênero, raça e classe. Elas complementam que “As mulheres retratadas no texto de Itamar Vieira não tinham voz, viviam para trabalhar e eram oprimidas pelos homens com quem conviviam” (Resende et al, 2022, posição 2). No entanto, essas personagens também buscam resistir a essas opressões advindas dessa conjuntura em que vivem.

Como se observa na narrativa, as personagens femininas negras se encontram relegadas sobretudo à função doméstica e reprodutora. Assim, é possível afirmar que existe uma hierarquia baseada no gênero e na raça. Para ativista brasileira Maria Aparecida da Silva Bento (1995), em seu estudo intitulado “A Mulher Negra no Mercado de Trabalho”,

A hierarquia social baseada na raça e igualmente no gênero estabelece que a uma posição inferior na relação ampla entre brancos/negros homem/mulher deve corresponder uma posição inferior no trabalho onde o lugar de um jamais seja ocupado pelo outro (Bento, 1995, posição 6).

Em outros termos, existe uma hierarquia social, baseada em gênero e raça, que estabelece que os lugares a serem ocupados por cada um dentro do ambiente de trabalho, assim como na sociedade em geral. Desse modo, pode-se inferir que mulheres negras, por seu local de interseccionalidade de raça e gênero, estarão na base dessa hierarquia. Desse modo, é válido dizer que as personagens femininas negras em *Torto Arado* (2019) ocupam esses papéis designados e específicos porque estão na base da hierarquia social presente na narrativa justamente por serem mulheres e negras. Além disso podemos acrescentar uma terceira intersecção: a de classe, isso significa dizer que as posições ocupadas por essas personagens, se dá em virtude de sua feminilidade, sua negritude e sua pobreza.

Assim, é possível afirmar que essa intersecção de raça, gênero e classe molda as experiências e o dita o local ao qual as personagens femininas negras ocupam nessa sociedade. Tratando especificamente da classe, as sociólogas estadunidenses Patricia Hill Collins e Margaret Andersen (2013) entendem que a estrutura de classe tem como um dos fatores de seu surgimento o sistema de subordinação racial. Os direitos essenciais de cidadania eram negados para pessoas negras escravizadas enquanto as pessoas brancas acumulavam bens por meio da exploração do trabalho escravo (Andersen & Collins, 2013). Pode-se trazer esse conceito para a narrativa estudada, uma vez que o contexto em que as personagens se encontram é bastante similar.

Belonísia ao narrar sobre a troca de donos da fazenda, explica sobre a existência da fazenda e como a família Peixoto havia se tornado dona daquelas terras. Ela diz “Sabíamos que a fazenda existia, pelo menos, desde a chegada de Damião, o pioneiro dos trabalhadores, durante a seca de 1932. A família Peixoto havia herdado terras das sesmarias” (Vieira Junior, 2019, p.176). Em outras palavras, a família Peixoto vinha acumulando bens desde a época das sesmarias, doações de terras concedidas pela coroa portuguesa tendo início no território brasileiro no ano de 1530 (Nozoe, 2006). Através da exploração dos trabalhadores da fazenda, a família Peixoto continuou acumulando bens enquanto os moradores

tenham seus direitos negligenciados, como apontado na primeira seção deste capítulo.

Ao se considerar o contexto no qual as personagens estão inseridas, um período com resquícios coloniais e escravocratas, é possível entender como as personagens femininas negras se encontram nesse sistema de subordinação. Como mulheres, negras e pobres, além da função árdua do roçado, o trabalho doméstico e a gestação e criação dos filhos, elas muitas vezes ainda tinham de suportar um marido agressivo. Maria Cabocla, vizinha de Belonísia, serve para exemplificar essa situação. Com seis filhos e um marido violento que a agredia, Maria nem aparentava a idade que tinha. Belonísia comenta esse fato em um dos trechos da segunda parte, “Ela havia me dito, tempos atrás, que não tinha chegado aos trinta anos, mas parecia ter bem mais” (Vieira Junior, 2019, p.145). A submissão de Maria ao marido e a vida dura que leva no espaço da fazenda tem seus efeitos em sua pele, retirando seus traços de juventude.

Além do seu trabalho doméstico, as personagens femininas negras também exerciam atividades manuais rurais, como cuidar da roça de seus quintais, pescar e colher frutas, além de carregar produtos feitos por elas, como massa de buriti e azeite de dendê, para venda na feira. De acordo com a autora e ativista Lélia Gonzalez (2020), na época que seguiu a abolição da escravidão, as mulheres negras foram “o sustento moral e a subsistência dos membros da família” (Gonzalez, 2020, p.40), assim sua jornada era dupla uma vez que ela precisava conciliar o trabalho fora e dentro de casa. No contexto do romance não é diferente, essas personagens também mantinham sua função doméstica de cuidar da casa, dos homens e das crianças. Assim, é possível afirmar que é esse trabalho doméstico exercido por elas é o que permite que as personagens masculinas alcancem os papéis de protagonismo dentro do espaço da Fazenda Água Negra, tomando as decisões e a frente em discussões, deixando as personagens femininas em plano secundário, no final da organização social presente na narrativa.

O papel secundário que as personagens assumem dentro da organização social do lugar pode também ser entendido por meio da relação que existe entre Bibiana e Severo. Os dois se conhecem quando Severo e a família vêm morar na Fazenda Água Negra, a convite do pai de Bibiana. A princípio, a relação dos dois

não passa de uma relação de primos. Entretanto, Bibiana nutria sentimentos pelo primo. Quando atingem a adolescência eles passam a se envolver romanticamente, o que resulta na gravidez de Bibiana e na saída da fazenda. Quando retornam para a fazenda, Severo lidera, inicialmente, o movimento dos trabalhadores em busca de seus direitos. Isso se dá pois quando estava fora da fazenda, Severo entrou em contato com o sindicato dos trabalhadores rurais e seus ideais, como apontado nesse fragmento retirado da segunda parte do romance, no qual Bibiana conversa com Belonísia sobre o que fizeram fora da fazenda: “Contou também que Severo trabalha na roça e frequentava atividades no sindicato dos trabalhadores rurais” (Vieira Junior, 2019, p.130). Todavia, o que permite que Severo participe do sindicato e tome a frente na luta pelos direitos dos trabalhadores é Bibiana. O trabalho que Bibiana exerce em casa, principalmente cuidando dos filhos, é o que possibilita que Severo conquiste essa posição de líder na comunidade. Esse ponto corrobora com a fala de Gonzalez (2020) em relação à mulher negra mencionada no parágrafo anterior, na qual a ativista explica o papel de sustentação moral da mulher negra no período pós-abolição. Bibiana, neste caso, é o sustento moral de Severo, o que permite que ele alcance posições que ela mesma não consegue alcançar dentro da organização social deste local.

Ao tratar do conceito de interseccionalidade, a socióloga estadunidense Patricia Hill Collins (2000) a define como:

uma análise que alega que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade e idade formam mutuamente características construtoras da organização social, que configuram as experiências das mulheres negras e, por sua vez, são configuradas por essas mulheres (Collins, 2000, posição 316, tradução minha⁴).

Isso significa dizer que por mais que a interseccionalidade de diferentes tipos de opressão configure as experiências vivenciadas por mulheres negras na sociedade, o modo como essas mulheres resistem e refutam essas opressões acaba por ajudar a redefinir esses sistemas. Dessa forma, embora marcadas pelas opressões que sofrem, as personagens femininas negras de *Torto Arado* (2019) buscam resistir, cada qual à sua maneira, a essas violências. Enquanto Bibiana, por exemplo, escolhe resistir de uma maneira mais ativa, expressando seu

⁴ “analysis claiming that systems of race, social class, gender, sexuality, ethnicity, nation, and age form mutually constructing features of social organization, which shape Black women’s experiences and, in turn, are shaped by Black women” (Collins, 2000, posição 316)

descontentamento com a situação dos trabalhadores verbalmente, Belonísia age mais passivamente com pequenos gestos de rebelião, como dividir sua colheita com amigos e familiares. Assim, embora de maneiras diferentes, as duas exibem suas identidades de resistência a um sistema de exploração. O modo como essas personagens resistem à subordinação, às violências e a opressão a que são submetidas será tratado de maneira mais aprofundada na próxima seção deste trabalho.

3. IDENTIDADES DE RESISTÊNCIA NO ROMANCE

A personagem feminina negra do romance de Vieira Junior pode ser caracterizada, principalmente, pela sua força e sua resiliência em meio às diversas formas de opressão às quais está submetida dentro do espaço da narrativa. Essas opressões advêm da sua condição de mulher racializada e pobre, que faz com que ela se encontre na base da hierarquia social do espaço fictício do romance, realizando, assim, papéis como o de gerar e criar os próximos trabalhadores que serão explorados pela fazenda ou pelo árduo trabalho doméstico de suas casas. No entanto, é importante ressaltar os momentos em que elas buscam se opor ao que lhes é imposto. Ao mesmo tempo em que suas vivências são marcadas por violências, essas personagens também buscam maneiras de resistir e se autoafirmar dentro do ambiente da Fazenda Água Negra.

O presente capítulo busca explorar essas formas de resistência dentro da narrativa elaborada por Vieira Junior (2019). Dividido em quatro partes, a primeira, “Ancestralidade e Memória em Água Negra”, busca explicar como a ancestralidade e a memória estão conectadas dentro do ambiente da Fazenda Água Negra. A segunda, denominada “Donana e Salu: a resistência ancestral” procura mostrar por que as figuras da avó, Donana, e da mãe, Salu, são importantes para a construção das identidades de resistência das irmãs protagonistas. A terceira, “Bibiana e Belonísia: elo entre irmãs”, examina como a relação desenvolvida entre as irmãs serve de base para que elas resistam às opressões advindas de sua condição de pessoa racializada e de mulher. A última parte chamada de “Belonísia e Maria Cabocla: dor e violência” estuda como a relação entre Belonísia e sua vizinha Maria Cabocla serve de fomento para a quebra do ciclo de violência doméstica que se encontram.

Tendo em vista que uma mulher negra compreende melhor as experiências de outra mulher negra, pode-se entender que os laços formados entre elas conformam uma identidade de resistência que dá voz a essas mulheres (Collins, 2000). Diante disso, pode-se dizer que os vínculos entre as personagens femininas negras do romance são a base para que identidades de resistência sejam criadas. Esse ponto pode ser entendido, por exemplo, pela conexão formada por Belonísia e a vizinha Maria Cabocla. A partir do momento em que elas estabelecem um laço de amizade,

elas passam a construir resistências contra os abusos de seus maridos. O trecho a seguir, narrado por Belonísia, mostra Maria expulsando o marido violento de casa, depois que Belonísia a ajuda:

Maria, conquanto parecesse não ouvir ninguém, continuava a gritar para que o homem se fosse, que os deixasse de uma vez, para a casa das putas com quem ele deitava. Ele gritava entre lágrimas que a casa era dele, ele havia levantado, ele que havia pedido abrigo. A mulher parecia firme, e eu apoiava a sua resolução (Vieira Junior, 2019, p.151)

Nesse trecho, é possível observar que a presença de Belonísia serve de apoio para que Maria tome a atitude de interromper a violência do marido. O fragmento também serve para resumir as ideias do forte patriarcado presente do espaço ficcional da fazenda. Aparecido, como homem machista, acredita que a esposa não tem direito a nenhum dos “bens” que ele conquistou, mas se esquece que só conseguiu eles através do apoio dela, cuidando da casa dos filhos e cozinhando para ele. Além disso, Maria deixa explícito que o marido comete adultério, uma atitude que não seria aceita caso contrário, como exemplificado por Belonísia quando pensa em pedir ajuda. Ela diz “Pensei em pedir a ajuda de algum homem, mas antes que externasse isso, Maria me disse que se um homem fosse à sua casa seria pior, poderia até haver morte, Aparecido tinha ciúme doentio dela” (Vieira Junior, 2019, p.143).

Ao abordar as formas de resistência das personagens no romance, o estudo irá destacar igualmente as estratégias de resistência silenciosas, visto que estão presentes de forma mais destacada na narrativa. Um exemplo manifesto dessa resistência silenciosa são as ações de Belonísia. Depois da morte de Tobias, ela continua plantando e colhendo o sustento do quintal da casa em que morava com ele. No entanto, por não ter filhos, ela sabe que teria uma parte maior retirada de seu trabalho (a terça parte que devia ser dada ao dono da fazenda). Assim, em um ato de resistência, ela passa a dividir sua quantia com sua vizinha Maria Cabocla, também com a casa dos pais e ainda com os animais. Ela diz: “Mas se desse para dar aos animais, eu dava, só para não deixar que ele levasse meu suor, minhas dores nas costas, meus calos nas mãos e minhas feridas nos pés, como se fosse algo seu” (Vieira Junior, 2019, p.152). O comportamento de Belonísia ilustra uma atitude de resistência indireta, uma vez que não há confronto aberto.

Ao discorrer sobre formas ditas “passivas” de resistência, o professor da Universidade Federal do Pará (UFPA) Edir Pereira (2017) diz que:

Nem sempre a resistência é ou precisa ser “ativa” e violenta, pelo contrário, formas “passivas” e não violentas de resistência, geralmente, são muito mais eficazes. Não devemos confundir a resistência com a reação violenta, ou uma forma de re-ação que apela sempre, faz uso ou recorre à violência (Pereira, 2017, p.5).

Isso significa dizer que nem sempre as estratégias de resistência que empregam a violência ou a ação alcançam os objetivos esperados. Para o professor, modelos de resistência tidos como passivos podem ser mais eficientes. Desse modo, pode-se entender que algumas das personagens femininas negras do romance *Torto Arado* (2019), como é o caso de Belonísia mostrado no parágrafo anterior, cometem atos silenciosos de resistência contra a situação imposta a elas.

3.1 Ancestralidade e Memória em Água Negra

A memória e a ancestralidade têm grande importância no enredo de *Torto Arado* (2019), uma vez que a memória ancestral é resgatada em diversos momentos da trama e possui um papel significativo na luta travada pelas personagens do romance, não somente para adquirirem seus direitos em relação a terra que viviam e trabalhavam, mas também para resistirem aos diferentes tipos de explorações que lhes eram impostas, como a violência física de seus maridos e os papéis designados especialmente a elas.

Belonísia, por exemplo, ao se ver contrariada dos abusos de Tobias, se lembra da força da mãe e da avó, que pode ser entendida como a recusa em ser completamente submissa aos desejos dos homens ao seu redor, como mostrado no trecho a seguir. Essa memória é uma das fontes de estímulo para que ela passe a resistir aos abusos de seu marido. Ela diz, “Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas” (Vieira Junior, 2019, p.121). Esse trecho mostra a centralidade da memória no desenvolvimento de identidades de resistência, uma vez que as personagens femininas negras acabam se inspirando umas nas outras e em suas antepassadas, como é o caso de Belonísia. De acordo com o sociólogo Castells (2018), identidade de resistência pode ser entendida como:

criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim,

trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade [...] (Castells, 2010, p.56).

Isto é, uma identidade de resistência é concebida por aqueles que se encontram em posições marginalizadas dentro da sociedade para se opor a dominação daqueles que possuem o poder. Esse é o caso das personagens femininas negras na narrativa que, por muitas vezes, precisam se opor à dominação tanto por parte da hierarquia social presente na fazenda, quanto dentro de suas próprias casas pelo patriarcado, que as coloca à mercê de maridos violentos.

Para Bento (2022), “Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade” (Bento, 2022, p.39). Em outras palavras, a memória faz parte da construção de uma comunidade, uma vez que esse corpo social compartilha costumes, tradições e também história. Assim, através da memória coletiva, as personagens afrodescendentes de *Torto Arado* (2019) se mantêm conectadas a sua ancestralidade. Essa ideia pode ser observada por um trecho da segunda parte em que Belonísia discorre sobre a origem de seu povo depois do falecimento do pai. Antes de discorrer sobre essa história, ela explica que Severo ia de casa em casa para conversar com o povo sobre o passado e como seus ancestrais chegaram ali e que “Depois o povo fica se perguntando, conversando entre si, e vão recuperando as histórias das famílias antes da chegada” (Vieira Junior, 2019, p.176). A junção dessa memória coletiva é uma das formas de recuperação da ancestralidade por parte dessa comunidade na Fazenda Água Negra.

Ao tratar da ancestralidade, o pesquisador Luiz Rufino (2019), em sua obra *Pedagogia das Encruzilhadas*, afirma que ela “[...] emerge como um contínuo, uma pujança vital e um efeito de encantamento contrário à escassez incutida pelo esquecimento” (Rufino, 2019, posição 23). Isto é, ela pode ser usada para combater o esquecimento e preservar as memórias e práticas ancestrais, especialmente das populações afrodescendentes. Desse modo, constrói-se uma resistência às sequelas do colonialismo, que continuamente buscou apagar a história e as vivências desses povos.

Por meio dessa memória coletiva das personagens, a ancestralidade, que se faz presente em todo o romance, maiormente é transmitida pela tradição oral, uma

vez que aos personagens racializados foram negados direitos básicos como a educação, por isso muitos não sabiam ler nem escrever. Tendo em vista que “Esta tradição oral, fundada na ancestralidade, traz na sua essência o caráter da resistência à colonização desde a sua origem, e permanece resistindo, transmitindo oralmente seus saberes, memória e história” (Barros et al, 2018, posição 1), é possível entender como ela configura parte significativa da resistência desenvolvida pelas personagens femininas negras. Isso se dá, porque a transmissão da memória coletiva e da ancestralidade configuram-se também como uma forma de resistência. Por meio dessa tradição oral, as personagens do romance entram em contato com a história dos antepassados, o que influencia na manifestação de suas próprias formas de resistência. Esse é o caso de Belonísia, que invoca as memórias da avó e da mãe para resistir às violências do marido.

3.2 Donana e Salu: a resistência ancestral

A narrativa do romance gira em torno das irmãs Bibiana e Belonísia, contando sua trajetória da infância até a vida adulta. Entretanto, a avó Donana e a mãe Salustiana são personagens que exercem influência sobre a construção das identidades de resistências das irmãs, bem como sobre a formação de suas personalidades. Isso se dá porque as duas (Donana e Salu) são a referência mais próxima de mulheres negras que Bibiana e Belonísia têm dentro do espaço da Fazenda Água Negra.

Salu é presença constante na vida das filhas e é por meio dela que as histórias de seus ancestrais são transmitidas. Ao refletir o artigo “Expressões de territorialidade entre trabalhadores e quilombolas na Chapada Diamantina, Bahia” (2014) produzido pelo próprio autor do romance, entende-se como seu deu a chegada das primeiras pessoas ao local que, pode se dizer, serve de inspiração para a obra. De acordo com Vieira Junior e Dos Santos (2014),

Originalmente, parte dos atuais quilombolas eram trabalhadores de diversas localidades da região e de outros municípios, tais como Nova Redenção e Andaraí, que, atraídos pela possibilidade de trabalho e de “morada”, se estabeleceram e deram origem, de forma não programada, à comunidade de Lúna, que, segundo a ata significa “viemos e aqui nos unimos” (Vieira Junior e Dos Santos, 2014, posição 5).

Assim, entende-se que a comunidade quilombola de Lúna foi formada por afrodescendentes que, movidos pelas condições oferecidas no local, passam a

trabalhar naquela terra em troca de morada, futuramente esse local se consolida como um território quilombola. Os autores ainda complementam que “A ascendência negra e o relato difuso e genérico da escravidão surgem como sinais diacríticos, bem como as manifestações religiosas, das quais vale ressaltar a mais relevante, o culto do jarê” (Vieira Junior e Dos Santos, 2014, posição 5). Isso significa dizer que esses aspectos são marcas representativas que caracterizam essa comunidade. Desse modo, observando as similaridades entre a história de Lúna e a descrita no romance, entende-se que os antepassados referenciados no romance compartilham suas características com os da comunidade quilombola real: afrodescendentes que se deslocavam de uma área para outra em busca de trabalho e morada, carregando consigo as sequelas do período escravocrata brasileiro.

É através de Salu que as irmãs entram em contato, desde crianças, com as histórias desses antepassados. No trecho a seguir, retirado da narração de Bibiana, ela fala sobre a antiga fazenda que a avó morava e como ela estava se acabando:

Àquela altura, a terra da Fazenda Caxangá, que havia rendido fartura de frutos por toda a sua vida, estava retalhada. Cada homem com desejo de poder havia avançado sobre um pedaço e os moradores antigos foram sendo expulsos. Outros trabalhadores que não tinham tanto tempo na terra estavam sendo dispensados. Os homens investidos de poderes, muitas vezes acompanhados de outros homens em bandos armados, surgiam da noite para o dia com um documento de que ninguém sabia a origem. Diziam que haviam comprado pedaços da Caxangá. Alguns eram confirmados pelos capatazes, outros não. Meu pai, depois de chegar à Água Negra, retornou algumas vezes ao lugar onde havia nascido. Essas histórias nos foram contadas por Salustiana, enquanto crescíamos” (Vieira Junior, 2019, p.22).

Nesse fragmento, Salu expõe as condições que seus antepassados viviam: sendo expulsos de suas moradias de maneira violenta, sendo forçados a migrar para outras regiões em busca de nova morada carregando apenas suas memórias. Ao transmitir esse conhecimento às filhas, ela contribui para que elas saibam o que aconteceu com a comunidade daquela fazenda, da qual sua avó fazia parte. A partir dessa transmissão dessas experiências vividas, é possível entender a importância dos laços que unem esse núcleo familiar e que esses são transmitidos através da oralidade pois muitas vezes não podem ser trazidos por meio de objetos e de outros pertences.

Outro momento que serve de exemplo dessa transmissão da memória ancestral por parte de Salu é quando ela fala de suas vivências em meio a luta dos

trabalhadores por seus direitos. Belonísia conta que estava receosa da mãe achar ingratidão aquela movimentação, mas na verdade “ela parecia entusiasmada, desandou a contar muitas histórias, era um livro vivo. Contava as histórias dos bisavós, dos avós, da fazenda Caxangá, onde também morou, das terras do Bom Jesus, de onde veio” (Vieira Junior, 2019, p.198). Belonísia ainda afirma que a mãe estava bastante ativa, pois sabia que seu conhecimento era importante para aquele momento. Tendo em vista que a comunidade afrodescendente de Água Negra passa a se identificar como quilombolas e a lutar pelos seus direitos naquelas terras, tudo que Salu sabia e transmitia é parte não somente de sua resistência, mas também configura componente essencial para a resistência daquela sociedade. Em seu estudo “Educação pela Tradição Oral de Matriz Africana no Brasil” (2018), pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) afirmam que:

Alguns grupos procuram resgatar e conservar as identidades ancestrais africanas por uma consciência coletiva e histórica das origens geográficas e culturais do povo negro, por uma negritude enquanto consciência da realidade local, nacional e global. Estes grupos que assumem a sua herança africana são terreiros, quilombos e manifestações tradicionais das culturas populares, em que a concepção de tradição de matriz africana está indissociada da base de transmissão de saberes pela oralidade (Barros et al, 2018, posição 9-10).

Em outras palavras, quilombos tem como uma de suas características a transmissão oral de suas identidades ancestrais, assim preservando-as. Salu possui mais destaque dentro da narrativa, por ser mãe das protagonistas e estar mais próxima dos acontecimentos narrados. Entretanto, toda a comunidade de Água Negra era rodeada pelas memórias ancestrais de suas origens e pela narrativa oral, o que faz parte da sua identidade de quilombo. Desse modo, a cultura e as tradições ancestrais são passadas de geração em geração.

Essa passagem dos valores e tradições ancestrais realizada por Salu é também considerada um meio de resistência, principalmente contra o modelo econômico ocidental capitalista, pela ativista Afro-Brasileira Lélia Gonzalez. Segundo ela,

Apesar da situação de extrema inferiorização, a mulher negra exerceu um importante papel no âmbito da estrutura familiar ao unir a comunidade negra para resistir aos efeitos do capitalismo e aos valores de uma cultura ocidental burguesa. Como mãe (real ou simbólica), ela foi uma grande geradora na perpetuação dos valores culturais afro-brasileiros e em sua transmissão para a próxima geração (Gonzalez, 2020, p.161).

A pensadora argumenta que mesmo sendo o segmento da sociedade que se encontra a base da hierarquia social em virtude de sua raça e gênero, a mulher negra foi de suma importância para estruturar os movimentos de resistência, principalmente dentro de suas comunidades e ciclos familiares. Isso se deu, principalmente, pois ela foi a responsável em transmitir as memórias e crenças ancestrais, permitindo assim que as comunidades desenvolvessem suas identidades de resistência contra um sistema que os oprimia e explorava. Ao trazer essa perspectiva para o romance, entende-se que, ao manter a tradição oral de disseminação da memória ancestral para as gerações futuras, Salu contribui para a composição e preservação das identidades de resistência dentro da fazenda Água Negra.

A professora Marianne Hirsch (2008), em seu estudo sobre a pós memória, argumenta “o papel da família como espaço de transmissão”. Para a professora, a família tem grande importância como espaço para transmissão de memórias. Isso significa dizer que, ao levarmos a narrativa em consideração, a família das irmãs, principalmente Salu, é um local importante para a preservação e transmissão de suas memórias ancestrais. No entanto, é importante levar em consideração o contexto em que Hirsch (2008) desenvolve sua teoria, uma vez que ele se difere do apresentado no romance. A professora apresenta sua ideia de pós memória para abordar as sequelas do holocausto nas próximas gerações. A ideia de família trabalhada nesse caso é mais ocidental e moderna, diferentemente da ideia de família entendida por afrodescendentes, principalmente dentro do romance. Por exemplo, embora cada um tenha sua própria casa dentro dos limites da Fazenda Água Negra, a comunidade como um todo pode ser considerada uma família, principalmente pelos laços do jarê. Vieira Junior e Dos Santos (2014) apontam como essa prática forma laços de parentesco dentro da comunidade de lúna. Assim,

No universo dos “trabalhadores” e “moradores” das propriedades de lúna, o jarê une-os, produz o parentesco e amalgama as relações do grupo que, oportunamente, serão realçadas na alteridade e na expressão de territorialidade (Vieira Junior e Dos Santos, 2014, posição 14).

Isto é, o jarê é um dos fatores, se não o mais importante, que o une e consolida os laços dessa comunidade além do sanguíneo, além disso fortalece o sentimento de pertencimento e identidade desse grupo. Esse ponto também é observado dentro da narrativa de *Torto Arado* (2019). O jarê unifica a sociedade

presente dentro da fazenda fictícia do romance como uma família. Bibiana, ao descrever o papel do pai como curador de jarê, exemplifica essa ideia. Ela diz que:

Era um pai igual aos outros pais que conhecíamos, mas que tinha sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra (Vieira Junior, 2019, p.33).

Isso significa dizer que Zeca Chapéu Grande exercia o papel de pai espiritual de todo aquele povo, unindo-os assim em um laço familiar além do sanguíneo. Desse modo, a comunidade de Água Negra é como uma grande família que também auxilia na propagação da memória e da ancestralidade à Bibiana e Belonísia.

Ademais, ao falar sobre a obra do egiptólogo alemão Jan Assmann (1997) sobre memória comunicativa, Hirsch (2008) discorre sobre como essa memória é “‘biográfica’ e ‘factual’ e está localizada dentro de uma geração contemporânea que testemunha um evento quando adulta e que podem transmitir sua conexão corporal e afetiva com esse evento aos seus descendentes” (Hirsch, 2008, p.110, tradução minha)⁵. Isto é, uma geração transmite a seus descendentes suas relações e sentimentos com eventos sofridos por ela. As histórias de seus antepassados aprendidas com Salu são passadas adiante por Bibiana a seus alunos quando se torna professora, como nos conta Santa Rita Pescadeira no seguinte trecho:

contava e recontava a história de Água Negra e de antes, muito antes, dos garimpos, das lavouras de cana, dos castigos, dos sequestros de suas aldeias natais, da travessia pelo oceano de um continente para outro. As crianças ficavam atentas, não sabiam que havia uma história tão antiga atrás daquelas vidas esquecidas (Vieira Junior, 2019, p.243)

Esse ponto de transmissão está ligado a ancestralidade, uma vez que a história e a perspectiva de antepassados afrodescendentes passam para seus descendentes. Assim, de geração em geração, a memória é preservada e através dessa preservação é possível que essas personagens desenvolvam suas identidades de resistência. Uma vez que elas têm consciência da própria história, não desejam mais sofrer como seu povo.

Essa transmissão de memória e história tem sua contribuição nos posicionamentos de resistência assumidos pelas irmãs durante a narrativa. Um

⁵ ““biographical” and “factual” and is located within a generation of contemporaries who witness an event as adults and who can pass on their bodily and affective connection to that event to their descendants” (Hirsch, 2008, p.110).

desses posicionamentos é tomado por Belonísia quando a escola chega a fazenda. Ela recusa as histórias contadas pela professora, que não levam em consideração as histórias de seu povo. É importante levar em consideração que a educação praticada dentro dessa escola é de uma visão eurocêntrica, ou seja, a partir da visão do colonizador, uma vez que:

as culturas populares, povos e comunidades tradicionais sentem os processos de escolarização do conhecimento como parte dos processos colonizadores, que sequestram costumes e tradições, fragmentam identidades, e que pretendem, dessa maneira, aniquilar o humano de suas comunidades, desvinculando-as de seus processos histórico-culturais, seus laços ancestrais, sua memória, para impor-lhes uma nova história, uma nova memória, uma nova identidade, trazendo-lhes para o lugar onde suas vozes não seriam escutadas, onde seriam instrumentos de trabalho e, desconsiderada sua humanidade (e portanto seus direitos), seriam então invisíveis (Barros et al, 2018, posição 3).

A escolarização a partir da visão do colonizador é parte do processo que visa apagar os valores e a cultura ancestral dos povos colonizados. Desse modo, pode-se entender que a escola trazida para a fazenda, contribuía para esse processo de apagamento da ancestralidade dos afrodescendentes que ali viviam e trabalhavam. Além disso, os ensinamentos ali dados não condiziam com o que as crianças haviam herdado de seus pais e vivenciavam. Assim, ela passa a resistir em ir para escola. Ao explicar o que a professora ensinava e como explicava a história do país, Belonísia afirma “Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado” (Vieira Junior, 2019, p.97). A partir desse trecho é possível entender que, uma vez que Belonísia tem o conhecimento da jornada de seus antepassados afrodescendentes até a chegada em Água Negra, herdado principalmente da mãe, ela consegue se posicionar para preservar a história e o legado, resistindo a uma versão “falsa” contada pela professora que ignora as vivências de seus ancestrais e promove o apagamento de suas origens.

O antropólogo congolês-brasileiro Kabengele Munanga (2012) afirma que:

a identidade de um grupo funciona como uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existente entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta (Munanga, 2012, posição 8).

Tendo em vista que ideologia pode ser entendida como “Conjunto de ideias, convicções e princípios filosóficos, sociais, políticos que caracterizam o pensamento de um indivíduo, grupo, movimento, época, sociedade” (Priberam, 2025), é possível compreender que a identidade de um grupo é um dos fatores que permite que ele se posicione e se conserve como grupo. Isto é, propicia que esses grupos mantenham suas individualidades que os caracterizam como grupo. Ao aplicar esse ponto à narrativa, é possível dizer que o grupo de trabalhadores rurais afrodescendentes da fazenda, ao abraçar sua identidade, consegue se posicionar dentro desse meio para se conservar. Isso fica evidente na recusa de Belonísia em aceitar a versão da história contada pela professora. Salu, ao transmitir a história de seus ancestrais às filhas, permite que elas abracem essa identidade e se reafirmem como grupo.

Outro momento que exemplifica esse ponto ocorre após a morte de Severo. Ao discursar para os demais trabalhadores da fazenda, apelando para que a luta começada por ele pudesse continuar, Bibiana faz uso da história e das memórias ancestrais para contar a trajetória de seu povo. Ela afirma que Severo:

Tinha consciência de nossa história. Sabia o que nosso povo tinha sofrido desde antes de Água Negra. Desde muito tempo. Desde os dez mil escravos que o Coronel Horácio de Matos usou para encontrar diamante e guerrear com seus inimigos. Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? (Vieira Junior, 2019, p.220).

Ao expor seu conhecimento do sofrimento de seus ancestrais até a chegada em Água Negra, Bibiana busca resgatar a memória coletiva compartilhada pelos outros moradores do local. Onde continuaram a ser explorados e com uma falsa sensação de liberdade, uma vez que dependiam quase completamente do dono da fazenda e não possuíam nenhum bem material. O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), ao discorrer sobre a memória coletiva, afirma que:

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. (Halbwachs, 1990, p.81-82).

Isto é, a memória coletiva reflete as necessidades e os preceitos do grupo no qual é compartilhada. Nesse caso, os afrodescendentes trabalhadores da fazenda compartilham essas lembranças da jornada de seus antepassados, de sua

ancestralidade. Por ter essa consciência, tanto Bibiana quanto o grupo são capazes de se posicionar para resistir e lutar por seu local naquela fazenda.

Salu também configura um exemplo de força e resistência dentro do ambiente da Fazenda Água Negra. Dentro de um espaço regido majoritariamente por um sistema patriarcal, Salu procura formas de resistir às opressões e violências que acontecem no local. Um exemplo dessa resistência pode ser entendido quando, depois da morte de Severo, a esposa do dono da fazenda decide levar um pastor para pregar pela fazenda. Quando batem à sua porta, Salu impede Belonísia de fechá-la, uma vez que estava amargurada com tudo e sabia que aquela era uma visita de intimidação. Cheia de autoridade, ela faz um discurso sobre como a maioria dos moradores estava ali a tempos e como alguns também haviam nascido naquela terra. Ela finaliza o discurso falando sobre sua função como parteira, ela diz:

Assim como apanhei cada um com minhas mãos, eu pari esta terra. Deixa ver se a senhora entendeu: esta terra mora em mim», bateu com força em seu peito, «brotou em mim e enraizou». «Aqui», bateu novamente no peito, «é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho. No meu peito mora Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas vocês nunca irão arrancar a terra de mim» (Vieira Junior, 2019, p.230).

Nesse trecho, a personagem faz uma metáfora entre seu trabalho como parteira e a terra. Ela faz uma ligação entre a existência do povo e o espaço físico que eles ocupam. Isso sugere que esse local é mais do que apenas um solo, é parte daquelas pessoas. Assim, pode-se entender que embora exista uma terra física que pode ser retirada deles, existe também uma terra simbólica presente na memória dessas personagens e guardada em suas tradições e cultura. Essa terra simbólica não pode ser apagada enquanto existirem a transmissão de valores ancestrais dentro da Fazenda Água Negra. Desse modo, esse trecho ilustra a relação de Salu com a terra e como sua resistência também advém desse relacionamento com o lugar onde mora. Salu resiste a essa tentativa de intimidação e até mesmo conversão.

Do mesmo modo, Donana, avó das irmãs, também caracteriza uma figura marcada pela força e resistência, principalmente para Bibiana e Belonísia. Ela também é mãe de pegação das irmãs, pois foi ela que auxiliou os partos de Salu e

suas mãos foram o primeiro lugar que elas ocuparam fora da barriga da mãe, como apontado por Bibiana no trecho a seguir:

Minha avó, Donana, foi quem ajudou minha mãe nos partos. Era nossa avó, mas também mãe de pegação. Esse era o título que dizia qual era o seu lugar em nossas vidas: avó e mãe. Quando deixamos o ventre de Salustiana Nicolau – os vivos, os que morreram tempos depois e os natimortos – encontramos primeiro as mãos pequenas de Donana. Foi o primeiro espaço no mundo fora do corpo de Salu que ocupamos (Vieira Junior, 2019, p.21).

É Donana que traz Bibiana e Belonísia ao mundo, assim pode-se entender que ela é também responsável pela existência delas. Desse modo ela ocupa o lugar de não apenas de avó na vida das irmãs, mas também de mãe, já que foi pelas mãos dela que vieram ao mundo.

Nascida cativa em uma outra fazenda, foi trazida para Água Negra com intuito de ajudar no parto e na criação dos netos. Donana falece pouco tempo depois do acidente com sua faca que deixa Belonísia sem fala e acaba não presenciando o crescimento das netas. Entretanto, sua presença é evidente durante toda narrativa, uma vez que sua memória é muitas vezes fomento para as formas de resistência desenvolvidas pelas irmãs protagonistas. Um desses momentos é quando Belonísia parte em ajuda a vizinha Maria Cabocla depois dessa sofrer com as violências do marido. Enquanto estava na casa de Maria, com o risco do marido dela chegar a qualquer momento, ela reflete sobre sua falta de medo. Ela pensa,

Não sei o que me aconteceu com aquela total ausência de medo. Talvez fosse a morte de Tobias, a solidão em que havia me encerrado. Talvez fosse a lembrança de Donana, as conversas que escutava escondida sobre sua valentia. Talvez fossem os percalços que vivi até aqui, mesmo sem ter completado vinte anos. Ou o desejo de defender a mulher Maria, eu sabia bem o que era aquele desprezo; (Vieira Junior, 2019, p.145).

Esse trecho ilustra como a memória da valentia da avó faz parte do conjunto de razões que apoia a ausência de medo de Belonísia perante o marido violento da vizinha. Assim, a memória possui um papel importante na resistência contra o medo. Ao resgatar a memória da avó lembrada como uma mulher valente que não abaixava a cabeça para homens (“Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas” (Vieira Junior, 2019, p.121)), Belonísia também passa a apresentar uma falta de medo daquele homem agressivo. Isso pode ser explicado pelo modelo de mulher que Donana representa na vida de Belonísia.

Essa valentia de Donana, que também pode ser caracterizada como força, acaba a definindo durante todo o romance. Quando lembrada posteriormente na narrativa, ela é sempre vista como valente. Isso significa dizer que Donana era uma personagem que possuía certa carência de medo, isto é, suas atitudes não incorporavam medo. Santa Rita Pescadeira ao dizer que Belonísia era da linhagem de Donana, acaba por descrever a anciã. Ela diz,

Era da linhagem de Donana, a mulher que pariu no canavial, que ergueu casa e roça com a força de seu corpo. A mulher que sentiu as dores do parto e deitou em silêncio, mordendo os lábios para parir mais um filho. A que enterrou dois maridos, e só não enterrou o último por que o sangrou como se sangra uma caça (Vieira Junior, 2019, p.261).

Assim, essa valentia, essa ausência de medo, também era uma maneira de resistir àquilo que lhe era imposto. Essa situação pode ser melhor entendida pelo episódio narrado por Santa Rita Pescadeira ao final do romance, no qual Donana rouba a faca de marfim de um dos viajantes que passava pela fazenda onde era cativa. Logo depois do ato, ela pensa que:

Devia valer um bom dinheiro. Foi quando se lembrou dos filhos que precisavam de calçados e roupas novas, porque não havia mais como cerzir os trapos esgarçados. «Eles tiram da gente e nós tiramos deles», foi o que passou por seu pensamento (Vieira Junior, 2019, p.236).

A atitude configura uma total falta de medo por parte de Donana. Caso fosse pega, enfrentaria graves punições que normalmente correspondiam a castigos físicos. Como ainda era cativa na antiga fazenda Caxangá, é esperado que ela fosse completamente submissa aos desejos dos donos. No entanto, em um ato de coragem e rebeldia, resolve roubar essa faca. Ela ainda perde perdão a Deus e a seus guias depois do ato, mas também tinha a convicção de que seria perdoada, uma vez que vivia em condições exploratórias. Santa Rita Pescadeira ao narrar o ocorrido, reflete sobre essas condições,

Naquele inferno chamado Caxangá, o inferno de escravidão a que se acostumou como se fosse sua terra, não teve autorização para parir seu filho em casa. Zeca nasceu no meio da roça, dentro de um charco, com a ajuda das trabalhadoras da fazenda, debaixo deste mesmo sol que agora fervilhava seu juízo. Era sua por merecimento. Certamente, Deus a perdoaria (Vieira Junior, 2019, p.237).

Esse trecho ilustra não somente a situação de escravidão que Donana se encontrava, mas também que ela era consciente das relações injustas presentes na fazenda em que vivia. Assim, ela tenta se opor a elas de maneiras que estavam ao

seu alcance, como é o caso do roubo de um objeto de valor que poderia ser vendido posteriormente. Essa atitude também pode ser interpretada como uma espécie de resistência silenciosa, uma vez que “Mesmo sem confrontar diretamente o poder a resistência é um modo de ação, ainda que pareça passiva” (Pereira, 2017, p.5). O roubo da faca de marfim por parte de Donana é seu ato de rebelião contra um sistema que a explorava e a oprimia.

Ademais, Donana se utiliza dessa mesma faca para assassinar o terceiro marido, depois desse abusar sexualmente de sua filha, Carmelita. Depois do filho mais velho deixar a fazenda, ela se sentia muito solitária e permitiu que um trabalhador novo que a ajudava na roça viesse morar com ela e dividisse sua cama. Anos depois, ela encontra o homem abusando da filha na mesma cama em que se deitavam e sua reação é de fúria e cólera. Santa Rita Pescadeira descreve o momento em que Donana percebe o que vinha acontecendo em sua casa:

Tudo fazia sentido. Seu homem batia, maltratava, violava e ameaçava sua filha debaixo do seu teto com sua concordância? Carmelita implorou à mãe por perdão. A mãe que não conseguia mais olhar para a própria filha. A filha que agora queria ir embora de casa. Encontraria seu rumo como havia feito o irmão. E o homem não se redimiou: ficou mais forte, mandava em tudo, mandava na casa, tinha a mulher sob seu cabresto (Vieira Junior, 2019, p.239-240).

Mesmo sendo descoberto, o homem não se acovardou e passou a mandar em tudo e em todos. Desse modo, em uma noite escura, Donana mata o homem à beira do rio com a faca de marfim e deixa o próprio rio levá-lo. Porém, quando volta para casa, Carmelita havia ido embora sem indicar seu rumo. A partir dessa situação, pode-se entender que o seu ato de rebelião contra o sistema no passado, resultou no instrumento que serviria para fazer a justiça e inverter o processo de violência que uma mulher de sua família vinha sofrendo.

Esses episódios servem para exemplificar como Donana representava essa força da mulher negra dentro do romance e como a preservação de sua memória contribui para as identidades de resistência desenvolvidas por Bibiana e Belonísia. A partir dessa memória da avó, as irmãs também se entendem como mulheres fortes que podem tomar decisões que refletem sua resistência dentro do ambiente da Fazenda Água Negra.

3.3 Bibiana e Belonísia: elo entre irmãs

Como protagonistas e também narradoras, as irmãs Bibiana e Belonísia são o foco de toda a narrativa criada por Vieira Junior (2019). Desse modo, o relacionamento estabelecido entre as duas é parte central do romance. Depois do acidente com a faca da avó, que acaba por deixar Belonísia incapacitada de se comunicar verbalmente, o elo formado entre as irmãs se intensifica, uma vez que uma passa a ser a voz das duas. Bibiana, narradora da primeira parte, caracteriza como esse relacionamento passa a ser depois do acidente:

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser (Vieira Junior, 2019, p.24).

O fragmento acima exemplifica como o relacionamento das irmãs passou a ser profundo ao ponto de elas se enxergarem como quase a mesma pessoa. No entanto, a relação tão próxima entre as irmãs sofre mudanças com a chegada do primo, Severo, à fazenda. Como pré-adolescentes, as duas passam a desenvolver sentimentos pelo primo, o que acaba transfigurando o relacionamento das duas. Antes tão próximas, agora existem momentos de afastamento entre elas. Essas circunstâncias também são descritas por Bibiana na primeira parte do romance, ela diz “Eu e Belonísia, estranhamente, já que estávamos cada vez mais próximas, nos dispersávamos nesses momentos, talvez de forma irrefletida, para disputar a atenção de Severo” (Vieira Junior, 2019, p.43). Contudo, esse relacionamento só vem a sofrer uma mudança mais evidente quando Bibiana deixa a fazenda junto de Severo para buscar melhores oportunidades fora daquele espaço. A partir desse fato, tem-se uma separação completa entre as duas que só voltam a se ver e se falar anos depois quando Bibiana retorna.

Essa separação é um ponto chave da narrativa, pois permite que as irmãs desenvolvam personalidades e pontos de vista individualizados. Como apontado anteriormente, as duas possuíam uma relação muito próxima, eram dependentes uma da outra. Esse fato pode ser exemplificado quando, depois de ter ido embora, Bibiana envia uma carta a família que é lida na presença de todos. Belonísia sente certa mágoa por ser apenas mais um nome na carta. Ela reflete: “Senti amargura pela simplicidade das palavras, pela culpa não expiada, pela voz que Bibiana me

negava. Por eu estar na mesma linha da carta como um nome apenas, junto a Domingas e Zezé” (Vieira Junior, 2019, p.104). O fragmento demonstra como Belonísia se sentia em relação a partida da irmã.

Como mencionado anteriormente, Bibiana e Belonísia possuem visões diferentes em relação ao trabalho que exercem dentro da fazenda. Enquanto Bibiana vê nos estudos uma possibilidade de ascender socialmente, Belonísia deseja continuar o legado dos pais com o trabalho na terra. Assim, Belonísia exerce sua resistência de maneira mais silenciosa e Bibiana é mais ativa.

Bibiana, por exemplo, ao deixar a fazenda ao lado de Severo, acaba entrando em contato com as ideias propagadas pelo sindicato dos trabalhadores rurais sobre os direitos dos moradores e trabalhadores da fazenda. Desse modo, ao voltar a residir em Água Negra, passa a integrar, com o marido, o movimento pelos direitos dos trabalhadores, como uma forma de resistir às opressões e às demandas injustas feitas pelos donos do local. O trecho a seguir, narrado por Belonísia, descreve o papel que Bibiana possuía dentro do movimento. Ela diz:

Bibiana esteve mais ativa ao lado do marido. Em meio à mobilização, eu ficava de bom grado com as crianças para que ela pudesse escrever, trabalhar, andar com Severo procurando ajuda na garupa da motocicleta que ele havia adquirido. Iam a sindicato, a reuniões. Voltavam, faziam mais reuniões, escondidos ora na casa de um, ora na casa de outro (Vieira Junior, 2019, p.198).

Esse fragmento ajuda a entender como as atitudes de Bibiana mostram um caráter mais atuante que o da irmã, ao apoiar o marido em meio à mobilização perante aos donos da fazenda. Outro momento que apoia essa ideia é o discurso desafiante feito por ela na frente do proprietário após a morte de Severo. Bibiana discursa sobre os antepassados e como eles (os trabalhadores e moradores) tinham direitos sobre aquela terra enquanto o proprietário está presente. Santa Rita Pescadeira descreve o momento do discurso de Bibiana e como a presença de Salomão parecia querer intimidá-la:

Antes que pudesse começar a falar diante dos vizinhos e parentes, Bibiana sentiu seu corpo tremer de desconforto, ao ver que Salomão a observava de longe, de cima de um cavalo, acompanhado do atual gerente. Logo depois ele apareceu, colocando-se à sombra de um jatobá. Queria intimidá-la. Sua presença tinha a clara intenção de silenciar aquela reunião, ou, no mínimo, fazer com que se medissem bem as palavras antes de lançá-las para fora da boca (Vieira Junior, 2019, p.218-219).

No entanto, Bibiana não se deixa intimidar e, tomada pela revolta e sem nenhum receio, faz seu discurso sobre a trajetória de seu povo destacando como a morte de Severo não iria ser em vão, pois a semente da revolução plantada por ele continuaria a dar seus frutos, mesmo que ele não estivesse mais ali.

Diferentemente da irmã, Belonísia é uma representação de uma resistência silenciosa, uma vez que suas ações não confrontam diretamente os proprietários do local. Todavia, como apontado por Pereira (2017), não significa que a resistência não seja um modo de ação mesmo sem confrontar de maneira direta o poder. Através de pequenos gestos, Belonísia reafirma sua identidade e confronta às opressões as quais é exposta dentro do ambiente da Fazenda Água Negra.

Um dos exemplos dessa estratégia de resistência pode ser entendido na recusa de Belonísia em voltar à escola. Como apontado anteriormente, ela rejeita as histórias contadas pela professora, que não levavam em consideração as memórias de seu povo, e prefere aprender sobre a terra com o pai. Ao descrever como inventava motivos para faltar a escola e como os pais finalmente cederam a seus desejos, ela afirma:

Poder estar ao lado de meu pai era melhor do que estar na companhia de dona Lourdes, com seu perfume enjoado e suas histórias mentirosas sobre a terra. Ela não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos, se em suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz (Vieira Junior, 2019, p.99).

Esse trecho aponta como a educação dada pela professora não tinha em conta a história daquela comunidade ou as vivências de mundo daqueles alunos. O ensino era oferecido apenas na perspectiva da própria professora. Munanga (2012), ao falar da educação da população negra no período colonial, afirma que a possibilidade de aprendizado para essa população era o do colonizador. Isso acabava por privá-los de sua herança social uma vez que:

a memória que lhe inculcam não é de seu povo; a história que lhe ensinam é outra; os ancestrais africanos são substituídos por gauleses e francos de cabelos loiros e olhos azuis; os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho, da neve e do inverno que nunca viu, da história e da geografia das metrópoles; o mestre e a escola representam um universo muito diferente daquele que sempre a circundou (Munanga, 2012, posição 29).

Isto é, a educação eurocêntrica reforça estereótipos brancos e impõe aos afrodescendentes memórias, culturas e tradições que não são as suas, promovendo

o apagamento da ancestralidade desses povos. A fala de Munanga (2012) se conecta com outra de Belonísia quando essa declara que não aprendeu o hino nacional, pois não poderia cantar, mas também que outras crianças não haviam aprendido. Ela afirma que:

Muitas crianças também não aprenderam, pude perceber, estavam com a cabeça na comida ou na diversão que estavam perdendo na beira do rio, para ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nos diziam muita coisa (Vieira Junior, 2019, p.97)

Ao conectar a fala de Munanga (2012) com a de Belonísia, consegue se compreender como a história transmitida e ensinada nesse contexto não condizia com a vivência ou com a ancestralidade da comunidade de Água Negra. É possível perceber que, por ter conhecimento de sua ancestralidade, Belonísia não aceita essas histórias que podem ser consideradas “falsas”, uma vez que não refletiam a realidade vivida pela comunidade de Água Negra. Assim, Belonísia consegue resistir a história que lhe é contada, reafirmando assim não somente sua existência, mas também a de seu povo.

Além disso, Belonísia, ao escolher aprender a trabalhar com a terra assim como seus pais e antepassados, contribui para a preservação das tradições e da memória de seus ancestrais. Essa preservação pode ser entendida pelo trecho em que ela descreve o que aprende com o pai pela mata, e como era diferente do que ela aprendia na escola. Ela diz,

Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento – bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas (Vieira Junior, 2019, p.99).

Esse trecho ilustra as tradições passadas de pai para filha que contribuem para a preservação não somente delas, mas também da ancestralidade daquela comunidade. Esses costumes podem ser entendidos como o modo de lidar com a terra, bem como ler o céu para saber a previsão do tempo. Desse modo, essas tradições, passadas de geração em geração, contribuem para a conservação dessa terra para o futuro. Esse também pode ser considerado um ato de resistência, visto que através dessa preservação é possível que essas personagens desenvolvam

suas identidades de grupo e se posicionem para se preservar como grupo (Munanga, 2012).

Embora suas identidades de resistências tenham se manifestado de maneiras diferentes, depois que Bibiana volta a residir na fazenda, as duas passam a retomar o elo que antes tinham e a se apoiarem nos momentos de maior dificuldade. Esse episódio contribui para que elas manifestem suas oposições contra as violências e opressões ao seu redor. Essas circunstâncias podem ser melhor entendidas depois que Severo é assassinado e Belonísia passa a apoiar a irmã, permitindo que ela enfrente toda aquela situação e continue a luta deixada pelo marido. Santa Rita Pescadeira, ao narrar a terceira parte, descreve a relação das irmãs, depois da morte de Severo, ela diz,

Passado tanto tempo, não era mais preciso nenhuma comunicação visível, seja pela troca de olhares ou pela leitura dos gestos. O ar, sentia, poderia vibrar de forma involuntária transmitindo o mal-estar físico e mental que a outra emanava. Poderia transmitir suas agitações e suas vontades. Esses dias foram cruciais para que percebesse o quanto estavam ajustadas em suas compreensões (Vieira Junior, 2019, p.218).

Esse trecho ilustra como, mesmo depois de terem se afastado por um tempo, o elo entre as duas volta a ser intenso, o que permite que elas se apoiem em momentos de dificuldade e juntas consigam ser resistência dentro do ambiente da Fazenda Água Negra. Assim, embora tendo visões e personalidades completamente diferentes, o elo formado entre as duas irmãs funciona como uma espécie de suporte que possibilita que elas se reafirmem dentro do espaço da fazenda, exercendo suas resistências contra o sistema que as oprime.

3.4 Belonísia e Maria Cabocla: dor e violência

Depois de sair da casa dos pais, Belonísia passa a morar com o marido, Tobias. Em sua nova morada, mais afastada dos pais, Belonísia passa a conviver com sua nova vizinha, Maria Cabocla. Antes desse momento, as duas se viam apenas nas noites de jarê comandadas pelo pai dela. Como mencionado anteriormente, o jarê funciona como meio de união daquele povo que ultrapassa laços sanguíneos. Assim, embora não tivessem uma ligação direta entre as duas, Belonísia e Maria Cabocla estavam conectadas pela prática do jarê, já existia um vínculo entre as duas antes de serem vizinhas.

Em um primeiro momento, o relacionamento entre as duas é apenas de vizinhas que moram uma do lado da outra e às vezes se emprestam porções de açúcar ou lenha. Porém, essa relação é aprofundada no momento em que Maria Cabocla entra de repente na casa de Belonísia. A partir disso, a relação entre as duas pode ser entendida pelo conceito de dororidade apresentado pela escritora afro-brasileira Vilma Piedade (2017). Para Piedade (2017), a dororidade é o conceito que pode explicar as dores causadas pelo machismo e pelo racismo nas mulheres pretas. A escritora ainda complementa que embora a Dororidade se refira à dor provocada pelo machismo, em mulheres pretas existe uma piora nessa dor provocada justamente pelo racismo, “Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra a Dororidade” (Piedade, 2017, p.46). Em outras palavras, machismo e racismo se complementam para a manutenção do poder. Esse poder é fortemente fundamentado no patriarcado e no colonialismo. Assim, a Dororidade engloba o sofrimento causado naqueles que estão na intersecção desses mecanismos, como é o caso de Belonísia e Maria.

Desse modo, ao entrar inesperadamente na casa da vizinha, Maria acaba criando um novo vínculo entre as duas. Sem entender nada do que acontecia a princípio, Belonísia descreve a aparência da mulher,

Ela estava com a roupa rasgada, chorando muito, o corpo tremia, carregava seu menino caçulo também aos prantos. Não entendia muita coisa do que dizia, ouvia apenas algumas repetições, «ele vai me matar». Os olhos estavam arregalados, o cabelo liso grudado no rosto de suor e o muco viscoso deixava o nariz (Vieira Junior, 2019, p.118).

Apenas depois de se acalmar é que Maria consegue explicar o que estava acontecendo e que fugia do marido que estava fora de si. Inicialmente, a reação de Belonísia é sentir medo também. Tendo em vista o contexto patriarcal em que se encontram, a reação de Belonísia é explicada por uma de suas falas logo depois que Maria explica a situação. Ela diz “Senti um arrepio só de pensar que aquele homem adentrasse a casa para buscar Maria Cabocla, além de me dar umas pancadas por ter violado a regra de que não se deve meter em briga de marido e mulher” (Vieira Junior, 2019, p.118). Esse trecho exemplifica como a intersecção de raça e gênero afeta as mulheres negras. Ainda que sejam negras, elas também são mulheres.

Assim, embora fizessem parte da mesma comunidade afrodescendente que esses homens, o machismo as violentava como mulheres.

Além disso, Belonísia, nesse momento, também está enfrentando abusos domésticos. Passado o período inicial de sua convivência com Tobias, a relação entre os dois começa a mudar. A princípio, ele começa a reclamar de tudo que ela faz, colocando defeito em tudo. Nesses instantes, Belonísia se culpava, achando que tinha sido descuidada. Porém, essas reclamações passam a escalar, ele passa a chamá-la apenas de mulher, a reduzindo apenas a seu sexo, e ela percebe que não está sendo ela mesma, perdendo sua personalidade pouco a pouco. Em uma visita a casa dos pais, ela descreve que a mãe também havia percebido sua mudança de comportamento. Ela diz “Senti minha mãe um pouco cismada com minhas feições, com os desvios de meus olhos, com as coisas que minha presença queria reclamar, mas eu disfarçava, tentava nada expressar. O que mais me inquietava era que aquele não era meu jeito” (Vieira Junior, 2019, p.116).

Depois de explicar como suas ações estavam fora do que considerava seu normal, uma vez que ela sempre impôs suas vontades e sempre se orgulhou de ser uma mulher forte, Belonísia diz, “Mas ali, na casa do homem com quem vivia, nos limites daquele casebre de paredes que ruíam, era uma intrusa. Não me sentia à vontade para reagir, nem que fosse de forma serena, sem rompantes de violência nos gestos” (Vieira Junior, 2019, p.117). Essa fala exemplifica como o abuso verbal que vinha sofrendo de Tobias acabava por extinguir qualquer vontade de resistência que Belonísia tivesse, e que era traço importante de sua personalidade. Collins (2013), ao tratar sobre violência verbal e discursos de ódio, afirma que “Os modos como discurso e atos se interconectam em nível social são especialmente aparentes na violência contra a mulher” (Collins, 2013, posição 140, tradução minha)⁶. Isto é, a violência verbal se conecta a violência física para perpetuar a submissão da mulher em todos os graus. A partir da fala de Collins (2013), pode-se assumir que esse caso é comum a todas as mulheres, não importando a classe ou a raça.

Tendo em vista o contexto em que essas personagens se encontram, uma sociedade com valores coloniais e patriarcais, e também a hierarquia social presente dentro do espaço da Fazenda Água Negra, pode-se explicar o porquê elas estão

⁶ “The ways in which speech and acts interconnect on a societal level are especially apparent in violence against women” (Collins, 2013, posição 140).

mais suscetíveis a essas formas de violência. Como mulheres, negras e pobres dentro dessa comunidade, essas personagens são relegadas a posições inferiores, sendo muitas vezes submissas às vontades de seus maridos. Para a socióloga estadunidense Patricia Hill Collins (2013), “Violência é um local saturado da interseccionalidade que sempre reaparece em todas as formas de opressão” (Collins, 2013, posição 137, tradução minha)⁷, assim, é possível afirmar que, uma vez que as personagens femininas negras do romance estão localizadas na intersecção de raça, gênero e classe e que, por isso, se encontram na base dessa hierarquia social da fazenda onde vivem, elas estarão mais vulneráveis a diferentes tipos de opressão e violência, inclusive a doméstica, o que é o caso de Belonísia e de sua vizinha Maria Cabocla.

Um pouco depois de adentrar a casa de Belonísia, Maria Cabocla vai embora agradecendo a ajuda dada. Entretanto, Belonísia expressa que sentiu o arrependimento de Maria em procurar ajuda. Ela explica que “Quase li em seus pensamentos que foi uma tolice ter deixado a casa, se assustar, que o lugar de uma mulher é ao lado do marido. Não se sai de casa em casa contando o que acontece na sua própria, fazendo de sua vida assunto de mexerico” (Vieira Junior, 2019, p.119 – 120). Embora estivesse sofrendo com a violência em casa, que também afetava seus filhos, Maria havia sido condicionada desde cedo a ficar do lado de seu marido aconteça o que acontecer, isso transparece no que Belonísia enxerga em seu rosto. Assim, pedir ajuda para lidar com a violência em seu lar não era algo que Maria poderia fazer de forma tão fácil.

Esse encontro com uma Maria Cabocla atormentada e abalada pela violência doméstica acaba por abrir os olhos de Belonísia para sua própria situação. Naquela noite, depois que Tobias chega na tapera completamente embriagado e com sua gritaria, ele arremessa o prato de comida em direção a ela. Diferentemente de episódios anteriores, nos quais Belonísia se culpava e ficava aflita, ela sente raiva e parece compreender que essas explosões de Tobias poderiam se amplificar até se tornarem agressões físicas contra ela. O trecho a seguir exemplifica esse momento, Belonísia diz,

⁷ “Violence is one saturated site of intersectionality that reappears across all forms of oppression.” (Collins, 2013, posição 137).

Senti raiva naquele instante, perguntei a mim mesma quem aquele vaqueiro ordinário pensava que era. No início, encarava com inquietação os acessos de fúria que passou a apresentar. Antes eram mais contidos. Agora tinha perdido as estribeiras. Dali a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla (Vieira Junior, 2019, p.120 – 121).

A situação de Belonísia, e também de Maria Cabocla, ilustra a violência intrafamiliar dentro dessa comunidade rural. Violência essa que recai totalmente sobre as mulheres. As relações afetivas entre esses homens e mulheres são afetadas pelo patriarcado, no qual o homem é colocado como soberano a mulher. Desse modo, mesmo unidos pelo laço de sua ancestralidade e no seio das tradições afrodescendentes, não se estabelece uma relação de igualdade entre homens e mulheres.

Antes, Belonísia mostrava preocupação e inquietação com os episódios furiosos de Tobias. Agora, esses sentimentos são substituídos por raiva e desprezo. Ela conclui que se continuar se comportando como antes, encarando com inquietação e aceitando os desacatos dele, poderia ter o mesmo destino da vizinha Maria Cabocla e acabar sendo agredida pelo marido. Assim, ela dá as costas a Tobias, o deixa gritando sozinho na cozinha e segue para sua roça no quintal ainda ouvindo seus insultos. Agora sem medo, Belonísia pensa: “Que se atrevesse a vir me agredir que faria o mesmo com sua carne: a faria soltar da face com um golpe apenas. Antes que qualquer homem resolvesse me bater, arrancaria as mãos ou cabeça, que não duvidassem de minha zanga” (Vieira Junior, 2019, p.121). É possível entender que, ao presenciar as condições de constante violência e medo que Maria estava submetida por conta da agressividade do marido, Belonísia encontra força para resistir aos próprios abusos, uma vez que compreende estar sujeita a se encontrar nas mesmas circunstâncias que a vizinha no futuro.

No entanto, a agressividade de Tobias continua a aumentar ao longo dos meses. Os pais de Belonísia, inclusive, a chamam para voltar para casa. Porém, ela recusa, “ [...] algo me dizia que poderia dobrar o homem. Não deveria deixar a casa, acovardada. Se havia coisa que aprendi era que não deveria aceitar a proteção de ninguém. Se eu mesma não o fizesse, ninguém mais poderia” (Vieira Junior, 2019, p.134). Diferentemente de Maria Cabocla, que não tinha outra família a quem pudesse recorrer na fazenda, Belonísia tinha a sua. Ela poderia voltar para a casa de seus pais e não ter de lidar com as agressões verbais constantes de Tobias.

Entretanto, ela decide continuar a viver com o homem e, embora demonstrasse sua resistência diariamente contra os abusos verbais de Tobias, continua vivendo um ciclo de violência verbal que só é quebrado com a morte do homem.

Depois da morte de Tobias, Belonísia decide continuar vivendo sozinha na tapera que dividia com ele e constrói uma nova vida para si. Esse fato permite que continue convivendo com Maria Cabocla, que seguia sofrendo com a violência do marido. Depois de ter construído uma nova casa de barro e se mudado, Belonísia recebe novamente a visita de uma Maria com as marcas da violência em seu corpo, “Maria Cabocla adentrou a casa, acuada, com um corte na boca. Não precisava falar para que eu soubesse. Aparecido estava a cada dia pior. Disse que se voltasse e a encontrasse em casa, que a mataria na frente dos filhos” (Vieira Junior, 2019, p.143). Ao levar a vizinha de volta para a casa dela, ela se espanta com a situação degradante em que se encontrava o local. Assim, Belonísia passa ajudá-la a cuidar das crianças e arrumar o espaço. Ao perceber sua falta de medo de ser encontrada ali pelo marido da vizinha, Belonísia reflete o porquê dessa ausência, depois de mencionar a bravura da avó, ela diz

Talvez fossem os percalços que vivi até aqui, mesmo sem ter completado vinte anos. Ou o desejo de defender a mulher Maria, eu sabia bem o que era aquele desprezo; embora Tobias nunca tenha me triscado a mão, ainda lembrava de seus insultos e de toda a revolta que me crescia no peito. Queria crer que faltava a Maria Cabocla um traço de bravura para enfrentar o marido. Quando percebesse que ela não o temia e poderia ferir do mesmo jeito que ele fazia sempre, pensaria duas vezes antes de levantar a mão de novo para qualquer gesto de violência (Vieira Junior, 2019, p.145).

Esse pensamento de Belonísia reflete sua personalidade, mas também a influência das mulheres que a criaram, Donana e Salu. Diferentemente dela, Maria Cabocla não parece ter crescido com exemplos de bravura dentro de casa. Ao contar sobre sua vida antes de Água Negra para Belonísia, Maria explica que havia nascido dentro de uma fazenda, explicou também que, antes de morar em Água Negra, morou em outras seis fazendas e que havia se juntado ao marido aos quatorze anos. Belonísia acaba passando a noite na casa de Maria Cabocla, depois dessa trançar seu cabelo. Esse momento parece criar uma conexão entre as duas, principalmente para Belonísia que descreve,

Passou a trançar o meu cabelo escorando o pente que desembaraçava os fios e fazia tranças rentes ao couro cabeludo. Por um instante fechei os olhos para sentir melhor as pontas de seus dedos, que alternavam voltas entre falas e silêncios preenchidos apenas por sua respiração ofegante, em

contraste com a minha, que estava cada vez mais lenta, como se me preparasse para dormir (Vieira Junior, 2019, p.147).

Como mulheres, pretas e pobres que sofrem com a violência doméstica em seus lares, é na Dororidade que Belonísia e Maria Cabocla formam esse laço de intimidade que permite que elas resistam as opressões causadas por esses meios, nesse caso o abuso verbal e físico de seus companheiros.

Desse modo, Maria Cabocla, com o apoio de Belonísia, também consegue se impor perante aos abusos do marido. Esse episódio acontece quando Belonísia é chamada por um dos filhos dela dizendo que o pai batia na mãe. Ao entrar na casa da vizinha, ela observa que “Aparecido parou para me observar, estava confiante na covardia dos homens que ouviam o desespero daquela mulher e nada faziam” (Vieira Junior, 2019, p.149). Esse trecho ilustra que possivelmente outras pessoas, principalmente homens, ouviam os pedidos de socorro vindos de Maria, mas não se moviam para ajudá-la. Entretanto, diferentemente daqueles que seguiam à risca o dizer “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, Belonísia não hesita em fazer algo. Quando ele parte para cima dela, para retirá-la a força da casa, ela reage e utilizando-se da faca da avó, a mesma que havia deixado sem a língua, Belonísia ameaça Aparecido.

Novamente a faca roubada por Donana vem a servir de instrumento para impedir a violência causada a uma mulher. No entanto, diferentemente da avó, Belonísia não assassina o marido da vizinha. Ela apenas o ameaça, “Encostei a lâmina que escondia atrás de mim em seu queixo, olhando segura para seus olhos vermelhos e com veias que se espantaram ao ver minha reação” (Vieira Junior, 2019, p.150). A fúria dele se abrandava e é nesse momento que Maria finalmente parece encontrar forças para colocar um basta na situação, “Correu para o quarto para fazer uma pequena trouxa e voltou gritando que não iria mais apanhar, que ele fosse de uma vez e a deixasse com os meninos, que se virariam” (Vieira Junior, 2019, p.150). É possível deduzir que, ao se deparar com Belonísia enfrentando o marido, Maria é vestida de coragem para colocar um basta naquele ciclo de violência que vivia. Mesmo depois do marido chorar e pedir perdão, ela se mantém firme em sua decisão. Belonísia relata o que presenciava e que apoiava a decisão da vizinha de mandar o marido embora, Maria:

Mostrava as marcas do corpo, as que pareciam estar curadas, as que não curaram e as daquele instante. Sua raiva dizia muito das dores da alma – e sobre estas ela não falou –, aquelas que demoram a curar, as que no meio das lembranças precisamos afastar com um gesto de negação para que não se abata sobre nós o desânimo (Vieira Junior, 2019, p.150).

Embora relatasse o que Maria parecia sentir, essa fala também remete as dores da própria Belonísia e sua dolorosa vivência com Tobias. Uma vez que ela se arrependia de ter cedido ao charme dele e saído da casa de seus pais apenas para sofrer com as ofensas e gritarias dele. Antes da morte de Tobias, um dia ele chega bêbado e vai dormir ainda sujo. Nesse momento, ela reflete se não teria sido melhor ter morrido no caminho para a tapera dele, já que:

Sabia que mesmo depois de muitos anos, carregaria aquela vergonha por ter sido ingênua, por ter me deixado encantar por suas cortesias, lábia que não era diferente da de muitos homens que levavam mulheres da casa de seus pais para lhes servirem de escravas. Para depois infernizarem seus dias, baterem até tirar sangue ou a vida, deixando rastro de ódio em seus corpos. Para reclamarem da comida, da limpeza, dos filhos mal criados, do tempo, da casa de paredes que se desfaziam. Para nos apresentarem ao inferno que pode ser a vida de uma mulher (Vieira Junior, 2019, p.136).

A fala de Belonísia retrata a situação a que várias mulheres nesse contexto colonial e patriarcal eram submetidas. Como mencionado anteriormente, “Por estar assim definida, a sociedade colonial se reveste de um caráter patriarcal que permeia toda a sua estrutura, refletindo-se de maneira extrema sobre a mulher” (Nascimento, 2021, posição 51). Desse modo, a experiência não só de Belonísia, mas como de Maria Cabocla, e possivelmente de outras personagens não mencionadas, com o casamento reflete o peso do patriarcado, no qual o homem é visto como soberano perante a mulher e, assim, ela tem de ser submissa e acatar todas as suas vontades. As pesquisadoras Teles e Melo (2003), ao refletir sobre a violência de gênero, afirmam que:

A violência de gênero tem sua origem na discriminação histórica contra as mulheres, ou seja, num longo processo de construção e consolidação de medidas e ações explícitas e implícitas que visam à submissão da população feminina, que tem ocorrido durante o desenvolvimento da sociedade humana (TELES; MELO, 2003, p. 28).

Isto é, a discriminação histórica contra mulheres resultou na criação e manutenção de práticas para se manter a submissão feminina, a violência contra a mulher é parte importante delas. Desse modo, entende-se que o machismo se organiza através dessas estratégias para manter o controle sobre o ser feminino e apaga a potência que essas mulheres possuem. No entanto, no caso do romance,

Belonísia e Maria Cabocla buscaram fugir dessa imposição e resistir ao modo como eram destratadas pelos seus maridos.

Diante do exposto, é possível entender que o vínculo formado entre Belonísia e Maria Cabocla serve de auxílio para que as duas exerçam suas formas de resistência para romper com os ciclos de violência a que estavam sujeitas. Ao mencionar os elos afetivos entre as Afro-Americanas, Collins (2000) explica que “No conforto de conversas diárias, através de conversas sérias e humor, mulheres Afro-Americanas como irmãs e amigas afirmam a humanidade, a singularidade e o direito de existir uma das outras” (Collins, 2000, p.102). No entanto, é também possível aplicar essa ideia ao relacionamento de Belonísia e Maria. É através das conversas que tiveram, das experiências compartilhadas e do contato que tiveram que elas conseguiram dar autoridade e autonomia uma à outra, como mulheres negras e fortes, possibilitando a quebra do ciclo de violência doméstica que tomava suas vidas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi demonstrar como as experiências de vida e trabalho das personagens femininas negras do romance *Torto Arado* (2019) — com foco nas protagonistas e narradoras Bibiana e Belonísia — são atravessadas por opressões e violências decorrentes de suas condições de mulheres, negras e pobres. Por outro lado, embora marcadas por essas experiências, destaca-se como essas mesmas personagens buscam maneiras de desenvolver identidades de resistência contra esse meio que as explora.

Entende-se que a dinâmica social do espaço da Fazenda Água Negra opera de modo similar ao que observamos no período colonial no país, uma vez que as personagens se encontram em condições de trabalho precárias, análogas à escravidão. Os eventos narrados no romance ocorrem anos depois da escravidão, durante parte do século XX. No entanto, as personagens do romance continuavam cativos trabalhando nas grandes fazendas. Embora fossem formalmente livres, os afrodescendentes do romance continuam em condições similares às de seus antepassados escravizados. As relações de poder dentro da narrativa se mantinham da mesma forma como durante o período escravocrata. “O Estado cortou o cordão umbilical da escravidão, mas não proveu nada a mais: uma vez emancipados, os libertos e seus filhos não seriam marcados nem assistidos por qualquer *status* legal especial” (Fischer et al, 2018, p.177). Em outras palavras, embora o Estado tivesse abolido a escravatura, ele não proveu nenhuma ajuda necessária para que os afrodescendentes escravizados se restabelecessem na sociedade, isso fez com que eles não tivessem outra opção a não ser se juntar novamente a produção nas grandes fazendas com situações similares às anteriores.

Percebe-se que o enredo criado por Vieira Junior (2019) faz uma espécie de denúncia ao destacar e dar relevância a esse período da história que retrata a transição, que não houve, entre o fim do sistema escravocrata e a incorporação das pessoas racializadas e escravizadas na sociedade. Assim, “No período do pós-abolição o silêncio racial e a diferenciação social construíram em conjunto a desigualdade racial no Brasil” (Fischer et al, 2018, p.184). Isto é, ao se evitar discutir questões como as consequências da escravidão para os afrodescendentes, o

racismo presente na sociedade e outras, contribuiu para a manutenção das relações raciais completamente desiguais no país.

Essas condições podem ser melhor entendidas ao se analisar as circunstâncias em que as personagens do romance se encontram, trocando seu trabalho apenas pela oportunidade de moradia, como referenciado anteriormente. Embora trabalhassem naquele chão, as personagens não possuíam nenhum direito sobre aquela terra e ainda não recebiam nenhuma remuneração por seu trabalho. Trabalhavam de domingo a domingo, sem folga ou descanso, e ainda tinham de dar uma parte da sua própria produção para o dono do local. Assim, pode-se considerar que esses moradores ainda viviam em condições similares a seus antepassados escravizados. Ademais, existia também uma impossibilidade de mobilidade social em virtude de uma série de obstáculos que impedem que as personagens transitem entre diferentes classes sociais, como a falta de acesso à educação de qualidade, a grande desigualdade social presente na narrativa e a discriminação racial. No entanto, com a ida de Bibiana e Severo para a cidade e o contato com o sindicato dos trabalhadores rurais, além do estudo, passa-se a conseguir combater com mais eficiência esses obstáculos.

Assim, entende-se que a fazenda fictícia descrita no romance tem seu funcionamento baseado nos moldes da *plantation*, uma vez que há os trabalhadores de Água Negra também sofrem uma tripla perda, tal qual seus ancestrais escravizados durante esse modelo econômico (Mbembe, 2018). Ela se refere a perda de um “lar”, a perda de direitos sobre seu corpo e a perda de estatuto político. Os moradores da fazenda não possuem um lar, não têm direitos sobre suas vontades dentro do âmbito do trabalho e não possuem direitos políticos. Desse modo, os trabalhadores se encontram sob uma total dominação por parte dos proprietários da fazenda, o que os impede de quebrar o ciclo de opressão que eles se encontram.

Ao deslocarmos o foco para as personagens femininas negras da narrativa, entende-se que ela possui funções específicas ligadas a seu gênero e raça. O papel de gerar novos escravos no período colonial é transfigurado em gerar novos trabalhadores dentro do contexto do romance. As personagens femininas negras são condicionadas a se juntar a homens e ter filhos, que irão substituir os mais velhos no

trabalho da roça, tanto na Fazenda Água Negra, quanto em outras fazendas não mencionadas na narrativa. Essas circunstâncias são descritas por Belonísia em um trecho da segunda parte da narrativa, no qual ela comenta sobre a aparência envelhecida da irmã. Ela afirma, “Mas isso nada significava para nós mulheres da roça. Éramos preparadas desde cedo para gerar novos trabalhadores para os senhores, fosse para as nossas terras de morada ou qualquer outro lugar onde precisassem” (Vieira Junior, 2019, p.129). O gênero e a raça dessas personagens as colocam nessa posição específica de terem filhos por serem mulheres e terem seus filhos explorados assim como elas por serem negras.

Nascimento (2021) descreve a sociedade colonial como revestida pelo patriarcado, o que age de forma intensa sobre a mulher, uma vez que, durante a época colonial, existiam posições específicas a serem ocupadas por cada membro da sociedade. Ao focar na posição da mulher negra escrava dentro desse meio, a historiadora afirma que ela era produtora e trabalhava tanto na roça quanto na casa grande. Ademais, “tinha a função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão de obra interno” (Nascimento, 2021, posição 52). Ou seja, tinha o papel de gerar novos escravos para manter esse sistema. Assim, entende-se que o colonialismo e o patriarcado são marcas claras que contribuem para a submissão feminina e que podem ser observadas na dinâmica da narrativa literária de Vieira Junior (2019).

Além de ser colocada na função reprodutora, a personagem feminina negra de *Torto Arado* (2019) também é incumbida das tarefas domésticas dentro desse espaço. São elas as responsáveis pelo cuidado primário dos filhos e dos próprios maridos, além de limpar e cuidar de suas casas e cozinhar para a família. Fora isso, essas personagens também eram responsáveis pelas roças dos quintais e pelo preparo e a venda da massa de buriti e azeite de dendê. Gonzalez (2020) afirma que, no pós-abolição, as mulheres negras foram “o sustento moral e a subsistência dos membros da família” (Gonzalez, 2020, p.40), pois sua jornada era dupla, uma vez que conciliava seu trabalho dentro e fora de casa. Esse ponto é similar às responsabilidades atribuídas às personagens do romance que, fora o trabalho doméstico, também precisavam ainda preparar e vender produtos fora de casa. Essas responsabilidades são o que sustentam sua família e permite que seus

maridos possam alcançar posições de liderança que elas mesmas não conseguem, como é o caso de Zeca Chapéu Grande e Severo.

Nesse sentido, entende-se que as personagens femininas negras por conta de seu gênero e raça são colocadas em funções específicas, diferentes das personagens masculinas, dentro do espaço fictício da Fazenda Água Negra. Como mulheres, são condicionadas que seu local é ao lado do marido, mesmo que esse seja violento, que devem cuidar da casa, realizando as tarefas domésticas, e gerar e criar filhos. Como negras, se encontram em posições de subalternidade e exploração dentro desse ambiente e os filhos que têm também acabam sendo explorados como elas.

No entanto, embora tenham suas vivências marcadas por essas violências, essas personagens também buscam resistir às opressões advindas da intersecção de seu gênero, raça e também classe. Tendo em vista que a interseccionalidade também pode ser entendida como:

uma análise que alega que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade e idade formam mutuamente características construtoras da organização social, que configuram as experiências das mulheres negras e, por sua vez, são configuradas por essas mulheres (Collins, 2000, posição 316, tradução minha).

É possível dizer que essas personagens, ao refutarem e resistirem ao sistema e as violências a que são submetidas, contribuem para redefinir esses sistemas aos no local onde moram. Cada personagem, à sua maneira, busca diferentes formas de resistir às injustiças que presenciam.

Um dos meios que essas personagens utilizam para tal é através da transmissão e preservação de sua ancestralidade. Lembra-se que ela serve de instrumento para combater o esquecimento e o apagamento da história (Rufino, 2019). Assim, Bento (2022) entende que a memória é parte fundamental de uma comunidade. Desse modo, através da memória as personagens afrodescendentes do romance se mantêm ligadas à sua ancestralidade, o que permite que elas se posicionem para conservar sua identidade como grupo (Munanga, 2012). Esse ponto pode ser entendido a partir da recusa de Belonísia em ir à escola, pois a professora contava histórias que não correspondiam à sua vivência e apagavam sua ancestralidade. Belonísia afirma que “Ela não sabia por que estávamos ali, nem de

onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos, se em suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz (Vieira Junior, 2019, p.99).

Esse conhecimento de Belonísia sobre sua história e seus antepassados se dá graças, principalmente, à mãe. É Salu que transmite as memórias de seus ancestrais a próxima geração, mantendo vivas assim a cultura e as tradições. Esse gesto pode ser, também, considerado uma forma de resistência contra o sistema capitalista, que gere o mundo econômico ocidental, como apontado por Gonzalez (2020):

Apesar da situação de extrema inferiorização, a mulher negra exerceu um importante papel no âmbito da estrutura familiar ao unir a comunidade negra para resistir aos efeitos do capitalismo e aos valores de uma cultura ocidental burguesa. Como mãe (real ou simbólica), ela foi uma grande geradora na perpetuação dos valores culturais afro-brasileiros e em sua transmissão para a próxima geração (Gonzalez, 2020, p.161).

Desse modo, além de exercer sua própria resistência ao passar essas memórias e conhecimentos para a geração futura, Salu contribui para que essa geração também possa manifestar suas identidades de resistência. Ademais, Donana é também uma personagem que contribui para as identidades de resistência desenvolvidas pelas netas. Através da preservação de sua memória como valente, Bibiana e Belonísia também conseguem ter a força para enfrentar as opressões do sistema.

Outro modo que permite que as personagens femininas negras fortaleçam seus meios de resistência dentro do ambiente da fazenda são os laços formados entre elas. Collins (2000) afirma que “No conforto de conversas diárias, através de conversas sérias e humor, mulheres Afro-Americanas como irmãs e amigas afirmam a humanidade, a singularidade e o direito de existir uma das outras” (Collins, 2000, p.102). Embora sua fala seja voltada às Afro-Americanas, é possível aplicá-la também no contexto da narrativa. Os vínculos criados entre as irmãs Bibiana e Belonísia e também entre Belonísia e a vizinha Maria Cabocla servem de fomento para que as mesmas possam resistir às violências do meio em que vivem.

Esse fato pode ser evidenciado em dois momentos durante a narrativa. O primeiro se dá quando, depois do assassinato de Severo, Belonísia serve de apoio para que a irmã possa dar continuidade a luta pelos direitos dos trabalhadores da Fazenda Água Negra. Embora as irmãs tenham desenvolvido suas identidades de

resistência de maneiras diferentes, o apoio mútuo entre as duas, principalmente depois que Bibiana volta a residir na fazenda, permite que elas se reafirmem dentro desse espaço para resistir às opressões que sofrem. O segundo é quando o laço formado entre Belonísia e a vizinha Maria Cabocla contribui para que as duas rompam o ciclo de violência ao qual estavam submetidas dentro de suas casas. Belonísia ao presenciar os abusos físicos de Maria, passa a enfrentar Tobias. Em um dos momentos de agressividade de Tobias, ela pensa:

Senti raiva naquele instante, perguntei a mim mesma quem aquele vaqueiro ordinário pensava que era. No início, encarava com inquietação os acessos de fúria que passou a apresentar. Antes eram mais contidos. Agora tinha perdido as estribeiras. Dali a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla (Vieira Junior, 2019, p.120 – 121).

A partir desse ponto, Belonísia para de aceitar passivamente os rompantes do marido. Ela passa a ignorar esses momentos de agressividade e a não se sentir mais culpada pelas reclamações dele. Por outro lado, Maria ao ver Belonísia enfrentando o marido Aparecido, se mune de coragem para também colocar um basta naquela situação de abuso que permeava sua casa e afetava também seus filhos. Ela coloca o marido para fora de casa e o adverte que não aguentaria mais aquelas circunstâncias.

Finalmente, a partir das evidências apresentadas, conclui-se que a personagem feminina negra do romance *Torto Arado* (2019) tem sua vivência marcada por imposições que derivam da sua condição de mulher, negra e pobre em um ambiente com resquícios coloniais e patriarcal. Essas circunstâncias fazem com que ela seja colocada em posição inferior na hierarquia social da Fazenda Água Negra, cumprindo papéis designados somente a ela, como o de gerar novos trabalhadores que seriam também explorados dentro daquele espaço e as tarefas domésticas. Todavia, essa personagem também busca meios de resistir a essas opressões e violências, procurando se reafirmar e proteger sua identidade nesse local. Através da preservação de sua ancestralidade, bem como dos laços formados entre essas personagens, elas conseguem desenvolver suas identidades de resistência para se afirmarem dentro da Fazenda Água Negra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. **Feminismos Plurais**. Editora Jandaíra. São Paulo, 2022.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, Salvador, 2006.

ANDERSEN, Margaret L. COLLINS, Patricia Hill. Why Race, Class and Gender Still Matter. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.1-14.

AZEVEDO, K. J. DE S.; SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS. Pode Maria falar? Um estudo interseccional do conto “Maria”, de Conceição Evaristo. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 44, n. 2, p. e60522, 28 Jul. 2022.

BARROS, D.; PEQUENO, S.; PEDERIVA, P. L. M. **Educação pela tradição oral de matriz africana no Brasil**: ancestralidade, resistência e constituição humana. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v. 26, n. 91, 2018.

BENTO, C. **A Mulher Negra no Mercado de Trabalho**. Estudos Feministas, Ano 3, 1995.

_____. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BEYONCÉ; WIZKID; SAINT JHN; BLUE IVY. **Brown Skin Girl**. Álbum *The Lion King: The Gift*. Los Angeles: Parkwood Entertainment, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RXrhqhW2kiU>. Acesso em: 4 out. 2024.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 9. ed. rev. ampl. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. v. 2.

COLETIVO DE MULHERES NEGRAS NZINGA. Carta denúncia. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 109 - 111.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness, and Empowerment. Routledge. Nova York, 2000.

_____. The Ethos of Violence. **On Intellectual Activism**. Temple University. Philadelphia, 2013, posição 137-143.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex**: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8.

_____. **Mapping the Margins**: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, Vol. 43, No. 6 (Jul. 1991), p. 1241-1299.

DALCASTAGNÈ, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, [S. l.], v. 15, p. 127-135, dez. 2007. ISSN

2358-9787. Disponível em:

https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/28045 Acesso em: 12 nov. 2023

_____. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 8 jan. 2024.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. **Ideologia**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ideologia>. Acesso em: 08 jan. 2025.

DOMINGUES, P. **O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930)**. Diálogos Latinoamericanos, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 16, 2005. DOI: 10.7146/dl.v6i10.113653. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/dialogos/article/view/113653>. Acesso em: 25 oct. 2024.

EVARISTO, Conceição. Questão de Pele Para Além da Pele. In: RUFFATO, Luiz. **Questão de Pele**. 1. ed. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011. p. 19-37.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Volume I. São Paulo: Globo, 2008.

FISCHER, Brodwyn; GRINBERG, Keila; MATTOS, Hebe. **Direito, silêncio e racialização das desigualdades na história afro-brasileira**. In: DE LA FUENTE, Alejandro; ANDREWS, Reid. Estudos Afro-Latino-Americanos: Uma Introdução. Buenos Aires: CLACSO, p. 163-215, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I - A Vontade de Saber**. Editora Graal. Rio de Janeiro, 1999.

GONZALEZ, Lélia. Por um **feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HIRSCH, Marianne. **The Generation of Postmemory**. Poetics Today, 2008. <Disponível em: https://historiaaudiovisual.weebly.com/uploads/1/7/7/4/17746215/hirsch_postmemory.pdf> Acesso em: 22 nov 2024.

Itamar Vieira Junior. Literafro - Portal da Literatura Afro-Brasileira, [s.d.]. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>. Acesso em: 15 jul. 2024.

LUGONES, Maria. **Colonialidade e gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar: 2020. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-m>

[ulheres/obras_digitalizadas/heloisa-buarque-de-hollanda-pensamento-feminista-hoje_-perspectivas-decoloniais-bazar-do-tempo-_2020.pdf](#) Acesso em: 28 out 2024.

LUZ, Leonilda; MATOS MAGALHÃES, Epaminondas de. TORTO ARADO: A IMPORTÂNCIA DE NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS NA (RE) CONSTITUIÇÃO DE SUAS IDENTIDADES E PROTAGONISMO. **Revista Alembra**, [s. l.], v. 3, n. 7, p. 15–30, 2022. DOI: 10.47270/RA.2596-2671.2021.v3.n7.id1327. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/alembra/article/view/62>. Acesso em: 8 jul. 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. N-1 Edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Organizador Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

NASH, Jennifer C. **Black feminism reimagined: after intersectionality**. Bogart: Duke University Press, 2019.

NOZOE, Nelson. **Sesmarias e apossamento de terras no Brasil Colônia**. *Economia*, v. 7, n. 1, p. 131-152, 2006. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/6535647>. Acesso em: 4 out. 2024.

OLIVEIRA, T.; FERREIRA, A. E. Subalternidade racial em Torto arado: Do silêncio à resistência. **Letrônica**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. e39068, 2021. DOI: 10.15448/1984-4301.2021.3.39068. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/39068>. Acesso em: 13 mar. 2024.

PEREIRA, E. A. D. Resistência Descolonial: Estratégias e táticas territoriais. **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 43, p. 17–55, 2017. DOI: 10.62516/terra_livre.2014.615. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/615>. Acesso em: 30 set. 2024.

PIECADE, Vilma. **Dororidade**. Editora Nós, 2017.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Gráfica Urupês S.A., 1961.

RESENDE, J. de A. S.; DE OLIVEIRA, M. H.; COSTA, M. T. de A. A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JR. **Revista de Literatura, História e Memória**, [S. l.], v. 17, n. 30, p. 24–36, 2022. DOI: 10.48075/rhlm.v17i30.27995. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rhlm/article/view/27995>. Acesso em: 29 maio. 2024.

RODRIGUES, C.; FREITAS, V. G. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. **Revista Brasileira de Ciência Política**, (34), e238917, 2021. < Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.238917>> Acesso em: Nov 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Morula, 2019.

SOUZA, Danyelle Mestre de; TROVÃO, Cassiano José Bezerra Marques; SILVA, Matheus Rodrigues da; MELO, José Wilker Farias de. **Caracterização histórica do mercado de trabalho no Brasil: da consolidação à reforma trabalhista**. Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE, Salvador, v. 23, n. 49, p. 102-134, ago. 2021. < Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356647228_CHARACTERIZACAO_HISTORICA_DO_MERCADO_DE_TRABALHO_NO_BRASIL_DA_CONSOLIDACAO_A_REFORMA_TRABALHISTA> Acesso em: 19 de julho de 2024.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEVENTEEN. **Cheers to Youth**. Álbum *17 is Right Here*. Pledis Entertainment, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bw4AuPrLWeA&pp=ygUYZ2hlZXJzIHRvIHlvdXRolHNldmVudGVlbg%3D%3D>. Acesso em: 4 out. 2024.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** (S. R. G. Almeida, M. P. Feitosa, A. P. Feitosa, Trad.). Belo Horizonte, MG: UFMG, 2014.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Monica de. **O que é Violência Contra a Mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. Todavia. São Paulo, 2019.

VIEIRA, J. de, F.; JOHANSON, I. C. A interseccionalidade a partir de 'Quarto de Despejo', De Carolina Maria de Jesus. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 244–268, 2020. DOI: 10.22456/2596-0911.103989. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/philia/article/view/103989>. Acesso em: 11 maio. 2024.

VIEIRA JUNIOR, Itamar; SANTOS, Flavio dos. Expressões de territorialidade entre trabalhadores e quilombolas na Chapada Diamantina, Bahia. In: **29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2014, Natal. *Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2014.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ACKER, Joan. Is Capitalism Gendered and Racialized?. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.101-109.

ANDERSEN, Margaret L. COLLINS, Patricia Hill. Systems of Power and Inequality. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.51-73.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2013. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2025.

CRENSHAW, Kimberle. **Documento Para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. SCHNEIDER, Liane (trad.). Estudos Feministas. Ano 10, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

GANS, Herbert J. Race as Class. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.84-100.

HOOKS, bell. **Killing Rage: Ending Racism**. Henry Holt and Company. New York, 1995.

HUNOLD LARA, S. **Escravidão, Cidadania E História Do Trabalho No Brasil**. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 16, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11185>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LIMA, Marcia. Trajetória Educacional e Realização Sócio-Econômica das Mulheres Negras. Revista Estudos Feministas, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 489, 1995. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16467>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LORDE, Audre. Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.15-21.

MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

MIKI, Yuko. Citizens of nowhere: illegal slavery and racial silence in the African and Indigenous histories of postcolonial Brazil. *Citizenship Studies*, v. 25, n. 4, p. 474-490, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13621025.2021.1926093>. Acesso em: 9 jan. 2025.

MIRANDA, Karoline Nascimento. **Mulher negra, trabalho e resistência: Escravizadas, libertas e profissões no século XIX**. Epígrafe, São Paulo, Brasil, v.

7, n. 7, p. 83–96, 2019. DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v7i7p83-96. Disponível em: <https://revistas.usp.br/epigrafe/article/view/141487>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SEGATO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos**. Bernal, Universidad de Quilmes, 2003.

VIVEROS VIGOYA, Mara. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. *Universitas Humanística*, Bogotá, 2016. Disponível em: [http://www.iunma.edu.ar/doc/MB/lic_historia_mat_bibliografico/Historia%20Latinoamericana%20General/LAMGen%20Biblio/viveros%20vigoya%20-%20la%20interseccionalidad.%20una%20aproximaci%C3%B3n%20situada%20a%20la%20dominaci%C3%B3n%20\(completo\).pdf](http://www.iunma.edu.ar/doc/MB/lic_historia_mat_bibliografico/Historia%20Latinoamericana%20General/LAMGen%20Biblio/viveros%20vigoya%20-%20la%20interseccionalidad.%20una%20aproximaci%C3%B3n%20situada%20a%20la%20dominaci%C3%B3n%20(completo).pdf). Acesso em: 9 jan. 2025.